

BNB Conjuntura Econômica

Periódico elaborado pelo Escritório Técnico
de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE

62

jan/mar 2020



OBRA PUBLICADA PELO



PRESIDENTE

Romildo Carneiro Rolim

DIRETORES

Antônio Jorge Pontes Guimarães Júnior

Antônio Rosendo Neto Júnior

Cláudio Luiz Freire Lima

Cornélio Farias Pimentel

Perpétuo Socorro Cajazeiras

Sandra dos Santos Souza Lisboa

**ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE**

Luiz Alberto Esteves

Economista-Chefe

Tibério Rômulo Romão Bernardo

Gerente de Ambiente

Airton Saboya Valente Junior

**Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas
Macroeconômicas**

CORPO EDITORIAL

Editor-Científico

Luiz Alberto Esteves

Editor-Chefe

Tibério Rômulo Romão Bernardo

Editor-Executivo

Airton Saboya Valente Júnior

EQUIPE TÉCNICA

Nível de Atividade Econômica

Airton Saboya Valente Junior

Produção Agropecuária

Wendell Márcio Araújo Carneiro

Produção Industrial

Liliane Cordeiro Barroso

Serviços, Comércio Varejista e Turismo

Nicolino Trompieri Neto, Professor do Curso de Economia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Alysso Inácio de Oliveira, Caio Eduardo Silveira Gomes, Catherine dos Santos Rodrigues, Ingrid Monteiro Cordeiro, Iury Lima Procópio, Mateus Pereira de Almeida e Pedro Costa de Castro Ivo, graduandos da UNIFOR e estagiários do Núcleo de Pesquisas Econômicas – NUPE da UNIFOR.

Mercado de Trabalho

Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão

Comércio Exterior

Laura Lúcia Ramos Freire

Finanças Públicas e Índice de Preços

Antônio Ricardo de Norões Vidal

Estagiários

Francisco Kaique Feitosa Araújo

João Marcos Rodrigues da Silva

Marcus Vinicius Adriano Araújo

Tabulação de Dados

Bruno Gabai

José Wandemberg Rodrigues Almeida

Revisão

Hermano José Pinho

Diagramação

Gustavo Bezerra Carvalho

Banco do Nordeste do Brasil S/A

**Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste -
ETENE**

Av. Dr. Silas Munguba, 5.700 - Bloco A2 - Térreo Passaré -
60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL

Telefone: (85) 3251-7177

Cliente Consulta: 0800 728 3030

Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB.
É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

Dados internacionais de catalogação na publicação.

BNB Conjuntura Econômica, n.1, 2004- Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004-
n.

Quadrimestral

Periodicidade anterior: 2004-2005 bimestral; 2006-2013 quadrimestral; 2014 semestral.

ISSN 18078834

1. Economia- Brasil – Nordeste – Periódicos. 2. Desenvolvimento econômico – Brasil – Nordeste
– Periódicos. I Banco do Nordeste do Brasil.

CDD:330.05

CDU: 33 (812/814) (05)

Sumário

1	Atividade Econômica	4
2	Produção Agropecuária	6
3	Produção Industrial.....	9
4	Setor de Serviços	15
5	Varejo.....	17
6	Turismo.....	19
7	Mercado de Trabalho.....	21
8	Comércio Exterior.....	26
9	Finanças Públicas	33
10	Intermediação Financeira	37
11	Índices de Preços.....	40
12	Cesta Básica	42

1 Atividade Econômica

O Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil caiu 1,5% na comparação do primeiro trimestre de 2020 contra o quarto trimestre de 2019, levando-se em consideração a série com ajuste sazonal. As informações são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O desempenho do PIB foi, em certa medida, impactado pela pandemia do novo Coronavírus e do estabelecimento do distanciamento social. A Indústria (-1,4%) e os Serviços (-1,6%) apresentaram recuos, enquanto a Agropecuária (0,6%) cresceu moderadamente.

Dentre as atividades industriais, o declínio foi liderado pelas Indústrias Extrativas (-3,2%), mas também apresentaram taxas negativas a Construção (-2,4%), as Indústrias de Transformação (-1,4%) e a atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (-0,1%).

Nas atividades de Serviços ocorreram resultados negativos em Outros serviços (-4,6%), Transporte, armazenagem e correio (-2,4%), Informação e comunicação (-1,9%), Comércio (-0,8%), Administração, saúde e educação pública (-0,5%), Intermediação financeira e seguros (-0,1%). A única variação positiva foi verificada em Atividades imobiliárias (0,4%).

Pela ótica da demanda, a Despesa de Consumo das Famílias (-2,0%) registrou queda, enquanto a Formação Bruta de Capital Fixo (3,1%) e a Despesa de Consumo do Governo (0,2%) tiveram variações positivas em relação ao trimestre imediatamente anterior. No que se refere ao setor externo, as Exportações de Bens e Serviços tiveram contração de 0,9%, enquanto as Importações de Bens e Serviços cresceram 2,8% em relação ao quarto trimestre de 2019.

Por sua vez, o PIB acumulado nos quatro trimestres terminados em março de 2020 apresentou aumento de 0,9% em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores. Esta taxa resultou do avanço de 0,9% do Valor Adicionado, a preços básicos e de 1,3% nos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios. O resultado do Valor Adicionado neste tipo de comparação, decorreu dos seguintes desempenhos: Agropecuária (1,6%), Indústria (0,7%) e Serviços (0,9%).

Todas as atividades industriais apresentaram variações positivas, embora modestas: Construção (1,7%), Indústrias Extrativas (0,7%), Indústria da Transformação (0,3%) e Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (0,2%).

Dentre os Serviços, os resultados positivos verificaram-se em Informação e comunicação (3,4%), Atividades imobiliárias (1,9%), Comércio (1,8%) e Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (1,3%) e Outras atividades de serviços (0,1%). Os resultados negativos foram obtidos por Transporte, armazenagem e correio (-0,3%) e Administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (-0,1%).

Na análise da demanda, a Formação Bruta de Capital Fixo apresentou alta de 3,0% e a Despesa de Consumo das Famílias cresceu 1,3%. Por outro lado, a Despesa de Consumo do Governo recuou -0,4%. Quanto ao setor externo, as Exportações de Bens e Serviços recuaram -2,7%, enquanto que as Importações de Bens e Serviços incrementaram 2,9%, conforme especificado na Tabela 1.

O Produto Interno Bruto, no primeiro trimestre de 2020, totalizou R\$ 1.803,4 bilhões, sendo R\$ 1.538,4 bilhões referentes ao Valor Adicionado a preços básicos e R\$ 265,0 bilhões aos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios.

Considerando o Valor Adicionado das atividades, no primeiro trimestre de 2020, a Agropecuária totalizou R\$ 119,7 bilhões, a Indústria R\$ 305,5 bilhões e os Serviços R\$ 1.113,3 bilhões. Dentre os componentes da demanda, a Despesa de Consumo das Famílias somou R\$ 1.162,2 bilhões, a Despesa de Consumo do Governo alcançou R\$ 343,5 bilhões e a Formação Bruta de Capital Fixo R\$ 285,1 bilhões. A Balança de Bens e Serviços ficou deficitária em R\$ 15,0 bilhões e a Variação de Estoque foi positiva em R\$ 27,7 bilhões.

Tabela 1 – Taxa de variação (%) do PIB e componentes - Acumulado nos últimos quatro trimestres

Últimos quatro trimestres / quatro trimestres imediatamente anteriores (%)		2019.I	2019.II	2019.III	2019.IV	2020.I
Ótica da Produção	PIB a preço de mercado	1,1	1,1	1,0	1,1	0,9
	Valor Agregado Bruto da Agropecuária	2,5	2,7	2,0	1,3	1,6
	Valor Agregado Bruto da Indústria	0,1	-0,1	0,0	0,5	0,7
	Valor Agregado Bruto dos Serviços	1,2	1,2	1,1	1,3	0,9
Ótica da Demanda	Despesa de Consumo das Famílias	1,6	1,6	1,7	1,8	1,3
	Despesa de Consumo do Governo	0,2	-0,1	-0,8	-0,4	-0,4
	Formação Bruta de Capital Fixo	3,6	4,3	3,0	2,2	3,0
	Exportação de Bens	2,4	3,4	1,6	-2,5	-2,7
	Importação de Bens	5,7	5,3	2,4	1,1	2,9

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Considerando os resultados do primeiro trimestre de 2020, a Renda Nacional Bruta somou R\$ 1.758,7 bilhões ante R\$ 1.674,5 bilhões em igual período de 2019.

A taxa de investimento, no primeiro trimestre de 2020, foi de 15,8% do PIB, acima do observado no mesmo período do ano anterior (15,0%). A taxa de poupança foi de 14,1% no primeiro trimestre de 2020 (ante 12,2% no mesmo período de 2019).

Os próximos capítulos detalham o desempenho econômico dos setores do Nordeste e Estados no primeiro trimestre de 2020, especificamente a produção agropecuária, indústria, serviços, comércio e turismo. Além disso, detalha-se o comportamento do mercado de trabalho, comércio exterior, finanças públicas, intermediação financeira, índices de preços e cesta básica.

2 Produção Agropecuária

A safra nacional de grãos deverá totalizar 249,0 milhões de toneladas em 2020. Desse modo, a produção de grãos ultrapassará em 3,1% a obtida em 2019, que totalizou 241,5 milhões de toneladas, representando assim, incremento de 7,6 milhões de toneladas (Tabela 1). Quanto à área a ser colhida de grãos, estima-se em 64,4 milhões de hectares, aumento de 1,2 milhão de hectares, ou seja, 1,8% maior em relação ao total obtido em 2019. Cabe destacar que a área colhida de grãos, nessa estimativa, representa 81,2% da área colhida total.

Tabela 1 - Safra de grãos no Brasil, Nordeste e Estados selecionados em 2019 e 2020 - Em toneladas

País/Região /Estado	Safra 2019	Part. (%) ⁽¹⁾	Safra 2020	Part. (%) ⁽¹⁾	Var. (%)
Nordeste	19.188.190	7,9	20.572.913	8,3	7,2
Bahia	8.283.660	43,2	8.785.931	42,7	6,1
Maranhão	4.929.446	25,7	5.372.243	26,1	9,0
Piauí	4.416.577	23,0	4.894.542	23,8	10,8
Ceará	559.791	2,9	452.633	2,2	-19,1
Sergipe	695.197	3,6	676.097	3,3	-2,7
Pernambuco	88.102	0,5	88.968	0,4	1,0
Paraíba	63.189	0,3	150.352	0,7	137,9
Alagoas	95.917	0,5	101.906	0,5	6,2
Rio Grande do Norte	56.311	0,3	50.241	0,2	-10,8
Centro-Oeste	111.517.113	46,2	112.905.141	45,3	1,2
Sul	77.217.933	32,0	81.352.545	32,7	5,4
Sudeste	23.732.122	9,8	24.070.997	9,7	1,4
Norte	9.807.396	4,1	10.137.738	4,1	3,4
Brasil	241.462.754	100,0	249.039.334	100,0	3,1

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Nota (1): Participação das regiões em relação ao País e participação dos Estados do Nordeste em relação a esta Região.

A previsão é que haja aumento na produção nacional em sete das quatorze culturas que são contabilizadas pelo IBGE como grãos, leguminosas e oleaginosas (Tabela 2). Dentre as maiores lavouras nacionais de grãos, algodão (+1,8%), arroz (+1,0%) e soja (+10,4%) deverão crescer, porém estima-se que ocorra declínio na produção de milho (-4,0%). Em conjunto, a participação destes quatro produtos representa 96,0% da produção e 89,9% da área colhida de grãos no País.

O IBGE, que fornece os dados da produção agrícola, considera outras atividades além dos grãos. Parte desses produtos deverá obter incremento para a safra nacional, a exemplo do café (+14,2%), uva (+6,5%), laranja (+4,3%), mandioca (+0,1%) e cana-de-açúcar (+1,0%). Contudo, as produções de castanha-de-caju (-9,9%), cacau (-5,4%), tomate (-3,4%), banana (-3,5%), fumo (-1,9%) e batata (-0,6%) declinarão, conforme especificado na Tabela 2.

Em termos regionais, o Centro-Oeste, que é a principal Região produtora de grãos no País, detentora de 46,2% da participação nacional, deverá reduzi-la, pois terá menor crescimento de produção entre as regiões, de 1,2%. O Nordeste, apesar de deter apenas 7,9% da participação da produção de grãos no País, tende a obter o maior incremento entre as regiões, de 7,2%. Melhores condições de chuvas proporcionam este desempenho. As demais regiões deverão apresentar os seguintes incrementos: Norte (+3,4%); Sul (+5,4%); e Sudeste (+1,4%).

Cabe mencionar que no Nordeste deverá ocorrer expansão da produção da maioria dos grãos, a exceção do trigo, sorgo e mamona, cujos declínios serão de -52,0%, -18,7% e -0,8%, respectivamente. Os maiores incrementos são observados em: amendoim (+12,5%), feijão (+11,8%), milho (+10,0%), soja (+6,3%) e arroz (+4,5%). Além disso, as produções de cacau (+4,8%), fumo (+1,6%), cana-de-açúcar (+0,3%), café (+0,1%) e batata-inglesa (+0,1%) deverão crescer. Em relação à participação do Nordeste na produção

nacional de algumas culturas, destacam-se mamona (100,0%), castanha-de-caju (99,3%), cacau (46,1%), banana (33,6%), uva (27,6%), algodão (24,3%), feijão (22,4%), mandioca (19,1%) e soja (8,9%).

Tabela 2 - Principais produtos da safra agrícola no Brasil e Nordeste em 2019 e 2020 - Em toneladas

Produto	Brasil		Var. (%)	Nordeste		Var. (%)
	Safra 2019	Safra 2020		Safra 2019	Safra 2020	
Cereais e oleaginosas ⁽¹⁾	241.462.754	249.039.333	3,1	19.188.190	20.572.913	7,2
Algodão herbáceo	6.894.169	7.016.520	1,8	1.661.272	1.703.450	2,5
Amendoim	562.300	587.318	4,4	12.364	13.908	12,5
Arroz	10.260.474	10.366.122	1,0	314.090	328.121	4,5
Aveia	911.754	903.676	-0,9	-	-	-
Centeio	9.922	10.974	10,6	-	-	-
Cevada	400.415	366.973	-8,4	-	-	-
Feijão	3.039.651	3.085.546	1,5	616.750	689.685	11,8
Girassol	131.173	87.360	-33,4	-	-	-
Mamona	28.360	27.361	-3,5	27.569	27.361	-0,8
Milho	100.566.125	96.501.231	-4,0	6.518.893	7.170.068	10,0
Soja	113.488.489	125.235.188	10,4	10.495.757	11.160.660	6,3
Sorgo	2.596.642	2.724.658	4,9	159.391	129.605	-18,7
Trigo	5.231.336	4.832.907	-7,6	30.000	14.400	-52,0
Triticale	30.670	29.942	-2,4	-	-	-
Banana	7.113.594	6.862.884	-3,5	2.488.454	2.302.663	-7,5
Batata	3.854.054	3.831.477	-0,6	200.006	200.216	0,1
Cacau	252.540	238.879	-5,4	105.018	110.058	4,8
Café	2.995.564	3.420.794	14,2	181.633	181.893	0,1
Cana-de-açúcar	667.532.475	674.293.146	1,0	49.671.912	49.809.150	0,3
Castanha-de-caju	139.383	125.566	-9,9	138.572	124.713	-10,0
Fumo	759.470	744.883	-1,9	23.936	24.318	1,6
Laranja	17.614.270	18.372.589	4,3	1.175.771	1.154.157	-1,8
Mandioca	18.990.014	19.002.232	0,1	3.799.398	3.627.695	-4,5
Tomate	4.075.890	3.939.075	-3,4	518.644	502.787	-3,1
Uva	1.445.705	1.539.845	6,5	498.160	424.339	-14,8

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Nota: (1) Estão incluídos algodão herbáceo, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, mamona, milho, soja, girassol, sorgo, trigo e triticale.

As chuvas favoreceram o plantio de grãos em seis das nove Unidades Federativas do Nordeste. Na Paraíba (+137,9%), Piauí (+10,8%), Maranhão (+9,0%), Alagoas (+6,2%), Bahia (+6,1%) e Pernambuco (+1,0%), estima-se que tenha aumento da produção de grãos, quando comparado com a safra de 2019. Ceará (-19,1%), Rio Grande do Norte (-10,8%) e Sergipe (-2,7%) deverão apresentar declínio em suas safras.

Bahia, principal produtor de grãos no Nordeste, detém 42,7% da participação regional. O Estado deverá apresentar aumento da produção de grãos nas seguintes lavouras: sorgo (+22,7%), milho (+14,8%), feijão (+10,7%), soja (+4,0%), amendoim (+3,1%) e algodão (+1,7%). Por outro lado, o cultivo de trigo (-52,0%) deverá reduzir em comparação à produção de 2019. A Bahia é responsável por 89,2% da produção de algodão e 49,5% da produção de soja no Nordeste. Produz regionalmente, também, todo o trigo e praticamente toda a mamona.

Maranhão, segunda maior participação na Região (26,1%), será favorecido pelo incremento da produção de milho (+12,3%), soja (+8,0%) e algodão (+0,5%). Cabe destacar a participação de alguns produtos desse Estado em relação ao total do Nordeste: arroz (47,0%), soja (27,5%) e milho (28,4%). Piauí, terceiro maior produtor do Nordeste, detém 23,8% da produção de grãos regional. A produção do feijão deverá aumentar (+28,2%), além de algodão (+26,6%), milho (+12,9%), soja (+10,2%) e castanha-de-caju (+10,2%). O Piauí tem significativa representatividade na cultura do milho (28,9%), arroz (29,6%), soja (23,4%) e feijão (14,6%), bem como da castanha-de-caju (19,1%), em relação à produção do Nordeste.

Ceará deverá incrementar a produção de algodão (+10,6%) e sorgo (+36,2%), enquanto as demais culturas deverão apresentar declínio, principalmente mandioca (-30,1%), milho (-21,6%) e castanha-de-caju (-19,5%). Cabe destacar que a produção de grãos na Paraíba, que sofreu com a estiagem em 2019, deverá crescer 137,9% em 2020. Destaque para a expansão da colheita de milho (+145,8%), feijão (+135,5%) e arroz (+52,9%).

Sergipe (3,3%), Alagoas (0,5%), Pernambuco (0,4%) e Rio Grande do Norte (0,2%) representam, em conjunto, 4,4% da produção de grãos do Nordeste. Tais Estados têm representação modesta na produção de cereais, leguminosas e oleaginosas. Em contrapartida, a colheita de importantes culturas deverá obter incremento, a exemplo da produção de cana-de-açúcar (+13,0%) em Sergipe; algodão (+53,8%) em Pernambuco; feijão (+85,7%) em Alagoas; e laranja (+23,4%) no Rio Grande do Norte.

3 Produção Industrial

A produção industrial recuou 9,1% em março de 2019, frente ao mês anterior, queda mais acentuada desde maio de 2018 (-11,0%), refletindo os efeitos do isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19. Em relação a março de 2019, a atividade da indústria caiu 3,8%, quinto resultado negativo seguido nessa comparação. Com estes resultados, o setor apresentou recuo de 1,7% no primeiro trimestre de 2020, intensificando a queda do último trimestre de 2019 (-0,5%). Na taxa acumulada de 12 meses, terminados em março, houve queda de 1,0%, frente a igual período anterior. Neste patamar, a indústria se encontra 24,0% abaixo do nível recorde, de maio de 2011. Os dados são da Pesquisa Industrial Mensal: Produção Física-Brasil (PIM-PF/BR), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A redução de 1,7% na produção industrial do acumulado de janeiro a março deste ano, em relação a igual período de 2019, repercutiu taxas negativas nas quatro grandes categorias econômicas, em 18 dos 26 ramos, 46 dos 79 grupos e 56,3% dos 805 produtos pesquisados.

Entre as grandes categorias econômicas (Gráfico 1), a redução mais intensa se deu nos bens de consumo duráveis (-6,4%), pressionados pela menor fabricação de automóveis (-14,9%). Os bens de consumo semi e não duráveis (-3,2%) e os bens de capital (-1,8%) também apresentaram recuos maiores que a média da indústria em geral (-1,7%). O segmento de bens intermediários (-0,2%), embora negativo, foi o único que ficou acima da média industrial. Comparando este primeiro trimestre com o de anos anteriores (Gráfico 1), cabe observar que quase todas as categorias assinalaram bom desempenho em 2018, mas todas registraram resultados negativos em 2019 e 2020, com destaque para os bens de consumo, sejam duráveis ou semi e não duráveis que só decresceram no período.

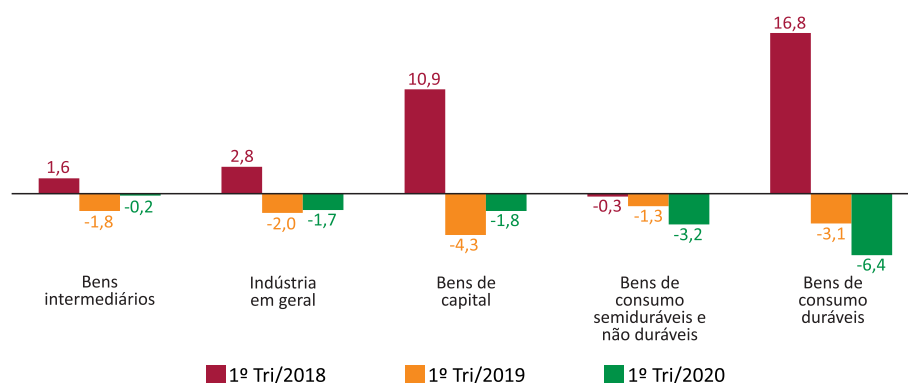
Em relação às atividades industriais, a produção extrativa foi menos negativa no primeiro trimestre de 2020 (-5,8%) do que no de 2019 (-6,9%). Da mesma forma, a indústria de transformação passou de -1,3%, no acumulado dos três primeiros meses de 2019, para -1,1%, em 2020, com 17 de suas 25 atividades registrando redução. Destacaram-se positivamente (Gráfico 2): coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (+11,3%); produtos do fumo (+3,1%); celulose e papel (+3,0); alimentos (+1,3%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+0,8%). Dentre as principais influências negativas: impressão e reprodução de gravações (-23,1%); outros equipamentos de transporte (-11,9%); manutenção, reparação, instalação de máquinas e equipamentos (-11,2%); confecção, vestuário e acessórios (-10,9%); couro, artigos p/ viagem, calçados (-9,8%); veículos automotores, reboques e carrocerias (-9,0%).

A pesquisa Sondagem Industrial, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), também captou forte queda na produção de março, frente ao mês anterior. Diante dos efeitos da pandemia do novo Coronavírus, o índice de evolução da produção caiu para 33,3 pontos, em nível de intensidade e disseminação nunca antes registrado na série mensal iniciada em 2010. Em consequência, o número de empregados também caiu, enquanto a UCI (Utilização da Capacidade Instalada) assinalou o menor percentual da série, passando de 68% para 58%, de fevereiro para março, repercutindo considerável grau de interrupção da atividade produtiva.

Para os resultados referentes ao primeiro trimestre do ano, a pesquisa verificou significativa piora nos índices de condições financeiras das empresas, mostrando profunda insatisfação com o lucro operacional (de 45,8 para 37,2 pontos) e com a situação financeira (de 50,0 para 41,4 pontos). O acesso ao crédito passou a ser considerado como muito mais difícil, no primeiro trimestre de 2020, diante da redução em seu índice de 43,2 para 33,8 pontos. Dentre os principais problemas enfrentados pela indústria, destacaram-se: demanda interna insuficiente; elevada carga tributária, e a taxa de câmbio, instável e desvalorizada.

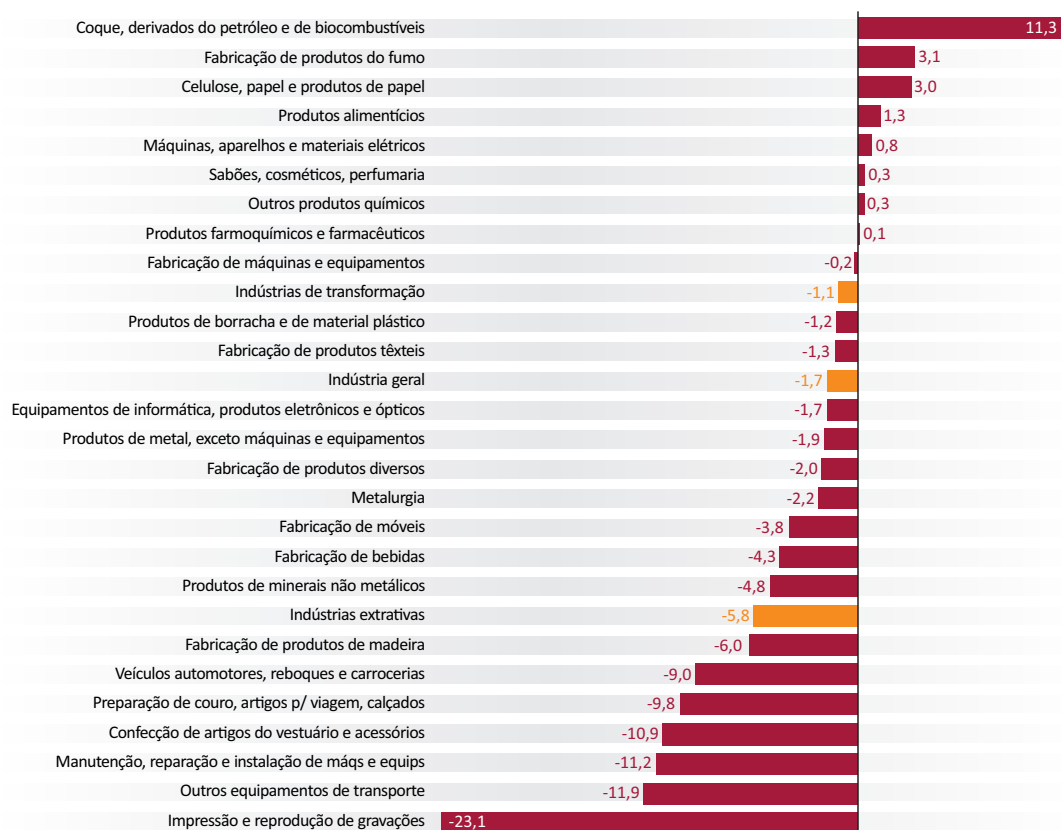
Por seu turno, todos os índices de expectativa passaram a demonstrar, em abril de 2020, forte pessimismo por parte dos empresários, atingindo os menores patamares de suas respectivas séries históricas. Com destaque para a expectativa de demanda, que despencou de 58,8 para 31,9 pontos, também caíram, a expectativa de quantidade exportada (de 53,5 para 33,7); a de compras de matérias-primas (de 56,5 para 33,3), e a de número de empregados (de 52,8 para 35,2). De forma semelhante, o índice de intenção de investimento, refletindo a piora da situação financeira, a elevada incerteza e falta de confiança dos empresários, caiu de 58,3 pontos, em março, para 36,7, em abril.

Gráfico 1 – Evolução da taxa de crescimento da produção industrial, por grandes categorias econômicas (%) - Brasil -Variação percentual acumulada nos 1ºs trimestres de 2018, 2019 e 2020 (Base: igual período anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE

Gráfico 2 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Brasil - Acumulado 1º trimestre de 2020 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB / ETENE, com dados do IBGE.

Produção Industrial do Nordeste

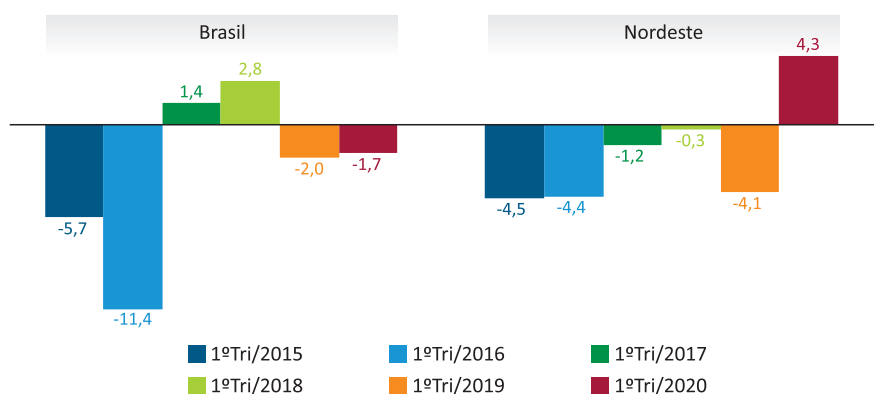
O nível de atividade industrial, do mês de março, foi parcialmente afetado pelas medidas de enfrentamento à Covid-19, que atingiu o País. Pela primeira vez, na série histórica iniciada em 2012, houve retração em todos os 15 locais divulgados pela Pesquisa Industrial Mensal Regional, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No Nordeste, o resultado do mês de março, frente ao mês imediatamente anterior, foi de retração (-9,3%), contra -9,1%, no País. Em relação a março de 2019, as

taxas foram de -1,0% (Nordeste) e -3,8% (Brasil). No acumulado dos três primeiros meses do ano: +4,3%, no Nordeste, e -1,7% no País. Em 12 meses, terminados em março, ambos tiveram o mesmo desempenho: -1,0% (Nordeste) e -1,0% (Brasil).

Apesar da retração observada no resultado industrial de 2019, seja em nível nacional (-1,1%), seja regional (-3,0%), a expectativa para o ano de 2020 era de elevação, diante de um esperado reaquecimento da atividade econômica brasileira. Contudo, em especial, a necessidade do isolamento social devido à Covid-19, a partir de meados do mês de março, afetou a dinâmica de produção e consumo, levando a uma revisão para baixo no desempenho previsto.

O Gráfico 3 apresenta uma comparação dos resultados para o acumulado nos três primeiros meses do ano, entre 2015 e 2020. Neste, observa-se que após as reduzidas taxas nos anos recessivos de 2015 e 2016, Brasil e Nordeste buscaram recuperação; o primeiro já apresentando crescimento em 2017 (+1,4%) e 2018 (+2,8%), e o segundo apenas reduzindo as perdas, mas ainda com taxas negativas, -1,2%, em 2017, e -0,3%, em 2018. No entanto, ambos perderam ritmo em 2019: houve queda em nível nacional (-2,0%) e maior retração na Região (-4,1%). No acumulado de 2020, em grande parte devido à retração na indústria extrativa (-5,8%), a taxa nacional continuou negativa (-1,7%). Mas, no contexto regional, avançou +4,3%, o primeiro percentual positivo do período em questão. Assim, em 6 anos, para o acumulado de janeiro-março, a taxa de crescimento da produção industrial da Região foi positiva apenas em 2020, o que desenhava uma modesta recuperação na indústria do Nordeste, não fosse o surgimento da pandemia.

Gráfico 3 – Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) - Brasil e Nordeste - Acumulado 1º trimestre, 2015 a 2020 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

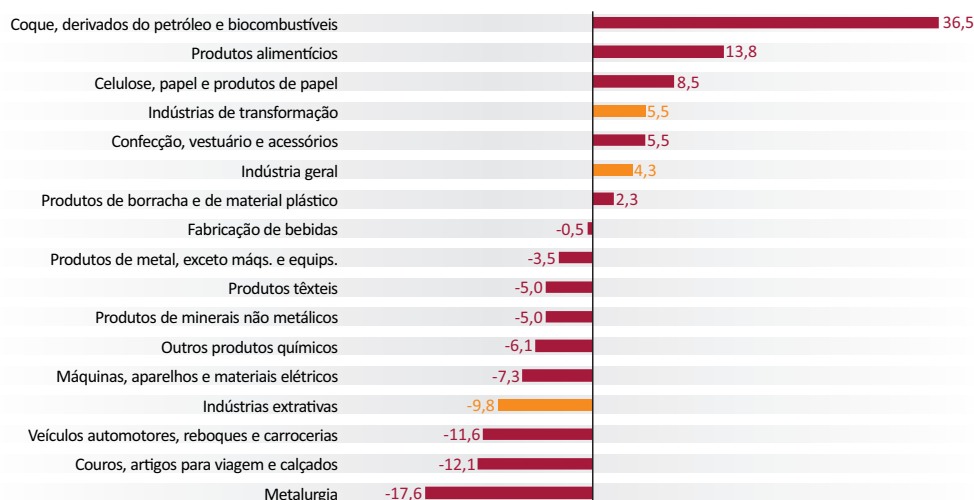
Embora, também no Nordeste, a indústria extrativa tenha apresentado retração (-9,8%), foi a indústria de transformação que fez a diferença no resultado do período. Esta registrou recuo no País (-1,1%), mas significativo crescimento na Região (+5,5%). Dentre as 14 atividades pesquisadas, 5 assinalaram elevação (Gráfico 4): coque e derivados do petróleo (+36,5%); alimentos (+13,8%); celulose e papel (+8,5%); confecção, vestuário e acessórios (+5,5%), e produtos de borracha e plástico (+2,3%). Negativamente, tiveram maior variação: metalurgia (-17,6%); couro, artigos para viagem e acessórios (-12,1%); veículos, reboques e carrocerias (-11,6%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-7,3%); outros produtos químicos (-6,1%); produtos de minerais não metálicos (-5,0%), e produtos têxteis (-5,0%).

Complementando a análise do quadro industrial, a pesquisa “Sondagem Industrial”, publicada mensalmente pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), busca identificar o desempenho recente e as expectativas dos empresários para os próximos seis meses. Seus índices comumente variam de 0 a 100 pontos, considerando os 50 pontos como uma linha divisória entre resultados positivos e negativos, em relação ao mês anterior.

Dentre os resultados encontrados para o Nordeste, a Sondagem identificou forte queda na produção, na passagem de fevereiro para março (de 46,0 para 30,3 pontos), bem como no número de empregados (de 48,2 para 41,8). A UCI (Utilização da Capacidade Instalada) da indústria regional caiu 17 pontos

porcentuais (p.p.), de 69% para 52%. Menor patamar da série iniciada em 2011, ficou 16 p.p. abaixo da média histórica para o mês (68%).

Gráfico 4 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Nordeste - Acumulado 1º trimestre de 2020 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Para os resultados referentes ao primeiro trimestre do ano, a pesquisa verificou significativa piora nos índices de condições financeiras das empresas nordestinas. Profunda insatisfação com o lucro operacional (de 45,5 para 34,0 pontos), com a situação financeira (de 50,4 para 36,8), e, paralelamente, o acesso ao crédito passou a ser considerado como muito mais difícil (de 43,4 para 31,0 pontos). Os índices do Nordeste de expectativa, captados em abril, passaram de otimismo para forte pessimismo: expectativa de demanda (de 58,5 para 32,2); quantidade exportada (de 49,9 para 33,8); compra de matérias-primas (de 54,3 para 33,0), e número de empregados (de 50,4 para 33,9). O índice de “intenção de investimento” da Região, também foi bastante afetado: de 59,1 para 36,0 pontos.

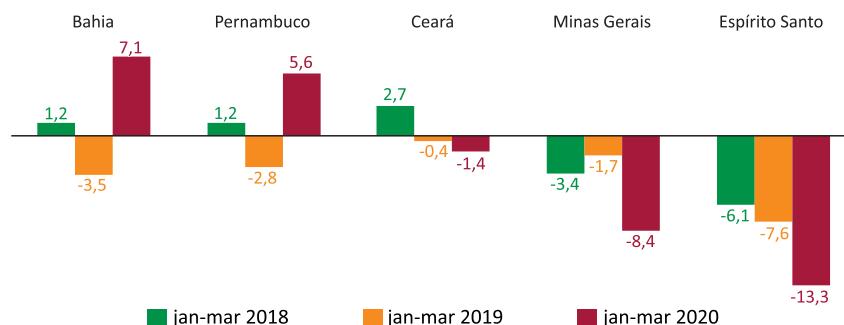
Produção Industrial nos Estados do Nordeste

O nível de atividade industrial, no mês de março, foi diretamente afetado pela pandemia de Covid-19, o que refletiu no resultado final do primeiro trimestre de 2020. No acumulado de janeiro a março de 2020, comparativamente ao mesmo período de 2019, apenas cinco dos locais pesquisados no Brasil (-1,7%) lograram crescimento. Dentre as elevações mais significativas, apresentaram a 2ª, 3ª e 4ª maiores taxas nacionais, respectivamente, Bahia (+7,1%), Pernambuco (+5,6%) e Região Nordeste (+4,3%). O Ceará assinalou retração (-1,4%), enquanto, Espírito Santo (-13,3%) e Minas Gerais (-8,4%) registraram os maiores recuos do País. Estes Estados contemplam a área de atuação do Banco do Nordeste (BNB). Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A evolução da indústria nos Estados correspondentes à área de atuação do BNB pode ser observada no Gráfico 1, quanto ao período acumulado de janeiro a março, dos anos de 2018 a 2020. Após um primeiro trimestre positivo, em 2018, para os Estados da Região Nordeste, observou-se nova retração em 2019. Mas as taxas positivas, nos dois primeiros meses de 2020, apontavam para um possível ano de recuperação industrial. No entanto, o surgimento do Coronavírus e as consequências do isolamento social sobre a atividade econômica, em geral, passaram a ameaçar o desempenho da Região. Neste mês de março, o Ceará foi um dos Estados mais atingidos do País, sua indústria caiu, -10,5%, frente a março de 2019, e -21,8%, em relação ao mês anterior. Já Bahia (+5,8%) e Pernambuco (+1,4%) obtiveram crescimento, ante março de 2019, mas ficaram com -5,0% e -7,2%, em relação ao mês anterior, respectivamente.

Para Minas Gerais (-8,4%) e Espírito Santo (-13,3%), este foi o terceiro ano consecutivo com resultados industriais negativos no primeiro trimestre, quando a repercussão da pandemia se somou à do rompimento da barragem de Brumadinho (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) - Estados da área de atuação do BNB - Acumulado janeiro-março, de 2018 a 2020 (Base: igual período do ano anterior)



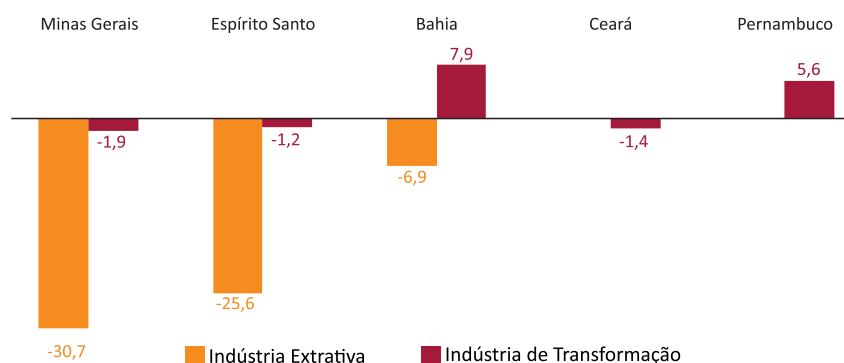
Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

O crescimento trimestral, na Bahia (+7,1%), melhor resultado dentre os locais selecionados, refletiu o avanço na indústria de transformação (+7,9%), considerando que a indústria extrativa (-6,9%) apresentou retração (Gráfico 2). Na seção de transformação, avançaram 4 das 11 atividades: coque e derivados do petróleo (+43,0%); equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos (+27,6%); celulose e papel (+18,3%), e alimentos (+6,3%). Recuaram: metalurgia (-29,3%); produtos de minerais não metálicos (-14,3%); couro, artigos para viagem e calçados (-11,2%); veículos, reboques e carrocerias (-7,2%); outros produtos químicos (-2,1%); bebidas (-1,8%); e produtos de borracha e plástico (-1,4%).

Em Pernambuco (+5,6%), avançaram 7 das 12 atividades pesquisadas relativas à indústria de transformação (Gráfico 2): alimentos (+29,7%); produtos de borracha e plástico (+6,4%); outros produtos químicos (+4,2%); produtos de metal (+3,6%); têxteis (+3,3%); bebidas (+3,2%), e produtos de minerais não metálicos (+2,6%). Reduziram-se: outros equipamentos de transporte (-80,8%); metalurgia (-6,9%); celulose e papel (-4,3%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-4,0%); e sabões e cosméticos (-3,0%).

O recuo no Ceará (-1,4%) reflete apenas o desempenho da indústria de transformação (-1,4%), conforme aponta o Gráfico 6. Dentre as 11 atividades pesquisadas, 4 cresceram no acumulado de 2020: coque e derivados do petróleo (+38,2%); alimentos (+7,5%); produtos de metal (+7,5%); e produtos de minerais não metálicos (+2,1%). Recuaram: outros produtos químicos (-31,6%); têxteis (-15,7%); metalurgia (-14,0%); couro, artigos para viagem e calçados (-9,8%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-2,3%); bebidas (-2,3%); e confecções, vestuários e acessórios (-0,3%).

Gráfico 6 – Taxa de crescimento da produção industrial - Indústrias extrativa e de transformação (%) - Estados da área de atuação do BNB - acumulado janeiro-março de 2020 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Em Minas Gerais (-8,4%), o Gráfico 2 aponta que o recuo foi principalmente puxado pela indústria extrativa (-30,7%), mas também houve retração na indústria de transformação (-1,9%), pressionada pela redução em 7 das 12 atividades pesquisadas: produtos de minerais não metálicos (-11,4%); veículos, reboques e carrocerias (-10,8%); produtos de metal (-10,3%); coque e derivados do petróleo (-5,5%);

metalurgia (-4,3%); outros produtos químicos (-1,5%); e bebidas (-1,4%). Registraram aumento: produtos têxteis (+26,2%); produtos do fumo (+7,6%); produtos alimentícios (+6,1%); celulose e papel (+2,9%); e máquinas e equipamentos (+2,0%).

O recuo na indústria do Espírito Santo (-13,3%) foi influenciado, principalmente, pela indústria extrativa (-25,6%), mas conforme se observa no Gráfico 2, houve redução também na indústria de transformação (-1,2%), onde registrou elevação em 2 das 4 atividades pesquisadas: alimentos (+5,7%); e celulose e papel (+0,4%). Reduziram-se: metalurgia (-5,3%); e produtos de minerais não metálicos (-3,4%).

4 Setor de Serviços

Conforme divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de serviços nacional caiu 0,1% no acumulado do primeiro trimestre de 2020, como pode ser observado no Gráfico 1. No acumulado dos últimos 12 meses, finalizados em março de 2020, registrou-se crescimento de 0,7%. No comparativo do mês de março deste ano com março de 2019, o volume de serviços contabilizou queda de 2,7%, enquanto na análise da série dessazonalizada, quando se compara março de 2020 em relação a fevereiro de 2020, houve retração de 6,9%.

Gráfico 1 – Variação (%) do volume de serviços - Brasil e Estados selecionados⁽¹⁾



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Nota (1): Variação acumulada de janeiro a março de 2020.

No acumulado do primeiro trimestre de 2020, os destaques foram escassos: Outros serviços (+10,9%); Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+0,9%); e Serviços de informação e comunicação (+0,6%). Em contraposição, verificou-se redução em Serviços prestados às famílias (-10,1%); e Serviços profissionais, administrativos e complementares (-2,3%), como pode ser visto na Tabela 1.

Quanto às subatividades de serviços no País, os destaques positivos foram: Transporte aquaviário (+15,6%); Serviços de Tecnologia da Informação (+9,7%); Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio (+4,6%). Em contraste, Serviços de alojamento e alimentação (-10,6%); Transporte terrestre (-3,3%); Telecomunicações (-3,2%); e Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias (-3,2%) declinaram no primeiro trimestre de 2020 (Tabela 1).

Especificamente na área de atuação do Banco do Nordeste, observa-se uma redução no volume de serviços em nove dos onze Estados. Apresentaram variação positiva: Paraíba (+0,8%) e Maranhão (+0,1%). Em contrapartida, Piauí (-7,0%), Bahia (-6,8%), Alagoas (-4,3%), Sergipe (-4,0%), Rio Grande do Norte (-2,4%), Espírito Santo (-2,4%), Minas Gerais (-1,7%), Ceará (-0,7%) e Pernambuco (-0,1%) apresentaram recuos, conforme detalhado no Gráfico 1.

O IBGE analisa os grupos de atividades do setor de serviços para cinco Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste. No Ceará, ocorreram resultados positivos em Outros serviços (+13,9%); e Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+9,3%). Entretanto, houve declínios em Serviços prestados às famílias (-13,2%); Serviços profissionais, administrativos e complementares (-6,6%); e Serviços de informação e comunicação (-0,7%). Em Pernambuco, os seguintes grupos apresentaram expansões: Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+9,8%); serviços tradicionais, administrativos e complementares (+2,3%); e Serviços de informação e comunicação (+0,2%). Já os Serviços prestados às famílias (-20,3%) e Outros serviços (-9,5%) registraram recuos.

Na Bahia, as cinco atividades de serviços apresentaram quedas: Outros serviços (-17,4%); Serviços prestados às famílias (-9,1%); Serviços profissionais e administrativos e complementares (-8,0%); Serviços de informação e comunicação (-7,3%); e Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-3,7%).

Em Minas Gerais, Serviços profissionais, administrativos e complementares (+7,0%) e Outros serviços (+4,9%) apresentaram incrementos, enquanto Serviços prestados às famílias (-10,8%); Transportes,

serviços auxiliares aos transportes e correio (-5,1%); e Serviços de informação e comunicação (-3,1%) registraram declínios.

Tabela 1 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados ⁽¹⁾

Atividades e Subatividades ⁽²⁾	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Serviços prestados às famílias	-10,1	-13,2	-20,3	-9,1	-10,8	-10,7
Serviços de alojamento e alimentação	-10,6	-	-	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	-7,5	-	-	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	0,6	-0,7	0,2	-7,3	-3,1	-4,1
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	1,1	-	-	-	-	-
Telecomunicações	-3,2	-	-	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	9,7	-	-	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-3,2	-	-	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-2,3	-6,6	2,3	-8,0	7,0	-3,7
Serviços técnico-profissionais	-1,2	-	-	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-2,6	-	-	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,9	9,3	9,8	-3,7	-5,1	-0,7
Transporte terrestre	-3,3	-	-	-	-	-
Transporte aquaviário	15,6	-	-	-	-	-
Transporte aéreo	1,6	-	-	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	4,6	-	-	-	-	-
Outros serviços	10,9	13,9	-9,5	-17,4	4,9	4,2
Total	-0,1	-0,7	-0,1	-6,8	-1,7	-2,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Notas (1): Variação acumulada de janeiro a março de 2020. (2) O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

Por fim, no Espírito Santo, verificou-se crescimento apenas em Outros serviços (+4,2%). As demais atividades encolheram: Serviços prestados às famílias (-10,7%); Serviços de informação e comunicação (-4,1%); Serviços profissionais, administrativos e complementares (-3,7%); e Serviços auxiliares aos transportes e correio (-0,7%).

A pandemia da Covid-19 impactou negativamente o setor de serviços ainda nos primeiros dias do agravamento da disseminação desse vírus no País. Assim, o BNB ETENE/LCA Consultoria estima que o volume de serviços sofrerá um tombo de 6,5% em 2020.

Pelo lado da oferta, ocorrerá uma modesta recuperação, dada a tendência de redução no número de empresas, tendo em vista que parte dos estabelecimentos não conseguirá retomar as atividades. A demanda, por sua vez, será tímida, considerando que parte da população não disporá de renda, em face do desemprego. Em síntese, a perspectiva é que, quando o isolamento social tiver algum tipo de relaxamento, a retomada do setor de serviços será cadenciada.

5 Varejo

O comércio varejista restrito nacional cresceu 1,6% no primeiro trimestre de 2020, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em março de 2020, comparativamente ao mês de fevereiro do mesmo ano, houve uma queda de 2,5%. Foi a maior queda para meses de março desde 2003. Na comparação interanual do mês de março de 2020, a queda foi de 1,2%. O varejo ampliado, que inclui o restrito adicionado de veículos e materiais de construção, não registrou crescimento (0,0%) no primeiro trimestre de 2020. Contudo, registrou variação negativa de 13,7% em março de 2020 frente a fevereiro do mesmo ano e queda de 6,3% na comparação interanual do mês de março de 2020.

Dentre os dez grupos de atividades pesquisadas, três registraram crescimento no acumulado de 2020, com destaque para: artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+9,1%); hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+4,1%); e móveis e eletrodomésticos (+3,6%). Em contraposição, verificaram-se quedas em: equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-14,4%); tecidos, vestuários e calçados (-12,4%); e livros, jornais, revistas e papelaria (-8,6%), conforme os dados especificados na Tabela 1.

Tabela 1 – Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no primeiro trimestre de 2020

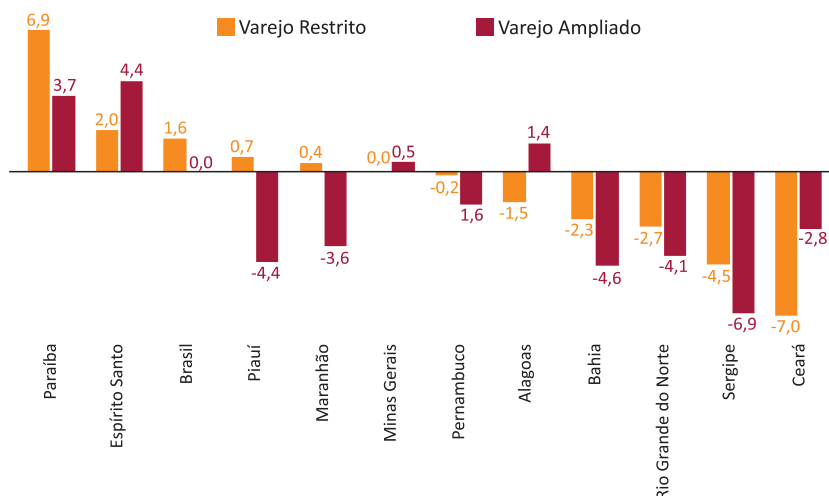
Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Per-nambu-co	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Comércio varejista	1,6	-7,0	-0,2	-2,3	0,0	2,0
Combustíveis e lubrificantes	-3,9	-6,4	0,8	3,2	-10,2	-11,0
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	4,1	-3,7	-6,2	-0,7	1,1	5,1
Hipermercados e supermercados	4,3	-1,0	-3,8	-1,1	1,8	6,7
Tecidos, vestuário e calçados	-12,4	-13,4	-7,4	-12,1	0,0	-2,5
Móveis e eletrodomésticos	3,6	-14,4	33,0	-3,2	-5,0	0,3
Móveis	2,6	-20,2	5,0	-8,1	3,9	-3,7
Eletrodomésticos	3,8	-8,6	44,4	-1,0	-6,5	0,8
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	9,1	-5,4	7,0	0,5	11,7	9,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	-8,6	8,0	-14,2	-21,3	-10,2	-12,9
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-14,4	-8,3	3,4	-10,9	6,1	3,7
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-0,6	-8,6	-2,6	-6,5	-2,8	-2,5
Comércio varejista ampliado	0,0	-2,8	-1,6	-4,6	0,5	4,4
Veículos, motocicletas, partes e peças	-3,6	4,5	-3,2	-12,2	7,3	6,4
Material de construção	-2,3	11,7	-9,7	-0,2	-9,4	12,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Quanto ao comportamento do varejo restrito nos Estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste (BNB), na comparação interanual do primeiro trimestre de 2020, Paraíba (+6,9%) e Espírito Santo (+2,0%) seguiram com valores maiores que a média nacional (+1,6%), enquanto Piauí (+0,7%), Maranhão (+0,4%) registraram valores positivos menores que a média do Brasil no acumulado do ano. Minas Gerais permaneceu neutro (0,0%). Por outro lado, apresentaram queda: Pernambuco (-0,2%), Alagoas (-1,5%), Bahia (-2,3%), Rio Grande do Norte (-2,7%), Sergipe (-4,5%) e Ceará (-7,0%), como demonstra o Gráfico 1.

Em relação ao varejo ampliado, Espírito Santo (+4,4%), Paraíba (+3,7%), Alagoas (+1,4%) e Minas Gerais (+0,5%) apresentaram crescimento acima da média nacional (0,0%), no acumulado de 2020. Sete Estados registraram declínio no primeiro trimestre de 2020, são eles: Sergipe (-6,9%), Bahia (-4,6%), Piauí (-4,4%), Rio Grande do Norte (-4,1%), Maranhão (-3,6%), Ceará (-2,8%) e Pernambuco (-1,6%), como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Variação (%) do volume de vendas do comércio - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no primeiro trimestre de 2020



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

A Tabela 1 detalha o setor comercial para cinco Estados da área de atuação do BNB, segundo os dados do IBGE. No Ceará, os setores de destaque foram: material de construção (+11,7%); livros, jornais, revistas e papelaria (+8,0%); e veículos, motocicletas, partes e peças (+4,5%). Em Pernambuco, cabe registrar móveis e eletrodomésticos (+33,0%); artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+7,0%); e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+3,4%).

Na Bahia, apenas os setores de combustíveis e lubrificantes (+3,2%) e farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+0,5%) apresentaram variação positiva. Em Minas Gerais, três setores cresceram: artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+11,7%); veículos, motocicletas, partes e peças (+7,3%); e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+6,1%). No Espírito Santo, evidenciam-se material de construção (+12,3%); farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+9,3%); e veículos, motocicletas, partes e peças (+6,4%).

De acordo com estudo da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), as perdas diretas impostas ao comércio pela crise provocada pela Covid-19 totalizaram R\$ 124,7 bilhões após sete semanas do surto da doença (de 15 de março a 2 de maio). O valor representa um encolhimento de 56% no faturamento do varejo, em relação ao período anterior ao início da pandemia. A CNC estima, ainda, que a crise tem potencial para eliminar cerca de 2,4 milhões de postos formais de trabalho no setor, em um intervalo de até três meses.

Diante do cenário de crise sanitária, com impactos negativos tanto na oferta de bens quanto no mercado de trabalho, além da falta de uma estratégia de desenvolvimento nacional, o ETENE/LCA Consultoria estima que as vendas do varejo restrito (-4,7%) e o ampliado (-8,0%) encolherão em 2020.

6 Turismo

Os embarques de passageiros nacionais e internacionais no Brasil totalizou 25,0 milhões de passageiros no primeiro trimestre de 2020, ante 27,8 milhões em igual período de 2019, implicando queda de -10,2% no período em análise. Por sua vez, os desembarques de passageiros nacionais e internacionais somaram 25,1 milhões nos três primeiros meses de 2020, em contraste com 27,8 milhões em iguais meses de 2019, representando recuo de -9,9%, conforme especificado na Tabela 1.

Estas quedas superaram o recuo ocorrido em 2016, quando, para a mesma base de comparação, verificaram-se quedas de 4,7% na quantidade de embarques e de 5,1% nos desembarques. O declínio atual é, em grande medida, reflexo dos impactos negativos gerados pela pandemia da Covid-19. Esses impactos negativos interromperam o processo de retomada de crescimento destes indicadores na comparação interanual dos primeiros trimestres, já que sequencialmente, nos dois últimos anos, verificou-se que os embarques e desembarques cresceram, respectivamente, 3,9% e 3,8%, para o ano de 2018 e depois 4,6% e 4,5%, para o ano de 2019, conforme apresentado no Gráfico 1.

Em março de 2020, houve queda de 36,7% nos embarques e 36,0% nos desembarques ante o mesmo mês de 2019, já evidenciando o forte impacto negativo decorrente das medidas de contenção da pandemia, iniciadas pela maioria dos Estados brasileiros na segunda quinzena de março de 2020. Dentre tais medidas, cabe destacar o fechamento de estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços, inclusive o cancelamento de voos nacionais e internacionais.

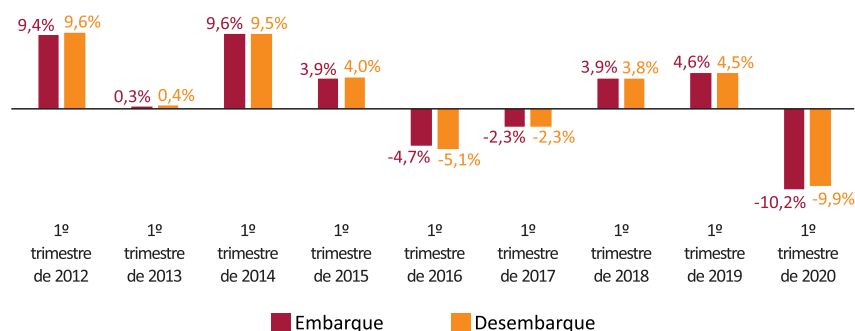
No primeiro trimestre de 2020, o Sudeste apresentou o maior volume de embarques e desembarques, com, respectivamente, 10,4 milhões e 11,9 milhões de passageiros, seguido com os embarques (5,7 milhões) e desembarques (5,7 milhões) do Sul. Apesar do Nordeste (57 milhões de habitantes) possuir uma população maior em comparação com a do Sul (30 milhões de pessoas), a movimentação de passageiros no Nordeste foi inferior comparada com o Sul, isto é, 4,8 milhões de embarques e 4,5 milhões de desembarques. Além do mais, observou-se que no Nordeste houve uma preponderância do embarque sobre o desembarque de passageiros. No primeiro trimestre de 2019, por exemplo, era possível notar 5,2 milhões de embarques contra 4,8 milhões de desembarques. Referida tendência manteve-se em 2020.

Todas as regiões apresentaram quedas nos embarques e desembarques no primeiro trimestre de 2020, ante igual período de 2019. O Centro-Oeste registrou o maior decréscimo no número de embarques, na comparação trimestral de 2020 frente a igual período do ano anterior, com declínio de 14,7%. Seguiram o Sul (-10,5%), Sudeste (-10,4%), Nordeste (-7,8%) e Norte (-5,5%). Para os desembarques do primeiro trimestre de 2020, na comparação interanual, a maior queda também foi registrada no Centro-Oeste (-13,3%), vindo na sequência o Sul (-10,6%), Sudeste (-9,5%), Nordeste (-8,9%) e Norte (-5,0%).

Quanto à movimentação de passageiros nos Estados do Nordeste, a Bahia manteve a liderança no primeiro trimestre de 2020, com 1,4 milhão de embarques, representando 29,3% do total do Nordeste, e 1,3 milhão de desembarques, representando 29,1% de participação na movimentação da Região. Pernambuco e Ceará ocuparam a segunda e terceira posições, com volume de embarque de passageiros de 1,17 milhão e 906 mil, respectivamente, e volume de desembarque de passageiros de 1,13 milhão e 861 mil, respectivamente. Na sequência, tem-se o Rio Grande do Norte, Alagoas, Maranhão, Paraíba, Sergipe e Piauí, conforme especificado na Tabela 2.

Os Estados do Nordeste apresentaram quedas nas taxas de variação do primeiro trimestre de 2020, frente ao mesmo trimestre de 2019. Referente ao desembarque total de passageiros, tem-se: Paraíba (-14,2%), Ceará (-13,9%), Maranhão (-10,6%), Sergipe (9,6%), Piauí (-8,6%), Alagoas (-8,2%), Rio Grande do Norte (-7,7%), Pernambuco (-7,0%) e Bahia (-6,4%). Já em relação ao embarque total de passageiros, as maiores quedas foram registradas para a Paraíba (-14,6%), Ceará (-13,4%), Piauí (-10,0%), Maranhão (-8,4%), Sergipe (-7,6%), Pernambuco (-7,1%), Rio Grande do Norte (-5,6%), Alagoas (-4,5%) e Bahia (-4,3%), conforme especificado na Tabela 2.

Gráfico 1 – Variação dos 1^{os} trimestres de embarques e desembarques - Brasil - 2013 a 2020



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da Agência Nacional de Aviação Civil - ANAC.

Tabela 1 – Embarques e desembarques em aeroportos - Brasil e Regiões - 1º trimestres de 2019 e 2020

Região / País	Embarques			Desembarques		
	1º trimestre de 2019	1º trimestre de 2020	Var (%)	1º trimestre de 2019	1º trimestre de 2020	Var (%)
Norte	1.310.323	1.238.078	-5,5%	1.304.493	1.238.892	-5,0%
Nordeste	5.226.462	4.818.610	-7,8%	4.993.913	4.548.893	-8,9%
Centro-Oeste	3.156.872	2.692.342	-14,7%	3.224.669	2.794.585	-13,3%
Sudeste	11.698.979	10.477.994	-10,4%	11.926.961	10.791.143	-9,5%
Sul	6.472.788	5.790.779	-10,5%	6.388.615	5.710.812	-10,6%
Brasil	27.865.424	25.017.803	-10,2%	27.838.651	25.084.325	-9,9%

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da Agência Nacional de Aviação Civil - ANAC.

Tabela 2 – Embarques e desembarques em aeroportos - Nordeste e Estados - 1º trimestres de 2019 e 2020

Estados / Região	Embarques			Desembarques		
	1º trimestre de 2019	1º trimestre de 2020	Var (%)	1º trimestre de 2019	1º trimestre de 2020	Var (%)
Alagoas	313.448	299.310	-4,5%	297.533	273.159	-8,2%
Bahia	1.477.817	1.414.224	-4,3%	1.413.521	1.323.171	-6,4%
Ceará	1.047.728	906.985	-13,4%	1.000.561	861.983	-13,9%
Maranhão	242.451	222.195	-8,4%	231.590	207.035	-10,6%
Paraíba	229.892	196.267	-14,6%	216.652	185.865	-14,2%
Pernambuco	1.264.896	1.175.715	-7,1%	1.222.717	1.137.630	-7,0%
Piauí	154.052	138.668	-10,0%	145.253	132.735	-8,6%
Rio Grande do Norte	340.306	321.255	-5,6%	319.223	294.570	-7,7%
Sergipe	155.872	143.991	-7,6%	146.863	132.745	-9,6%
Nordeste	5.226.462	4.818.610	-7,8%	4.993.913	4.548.893	-8,9%

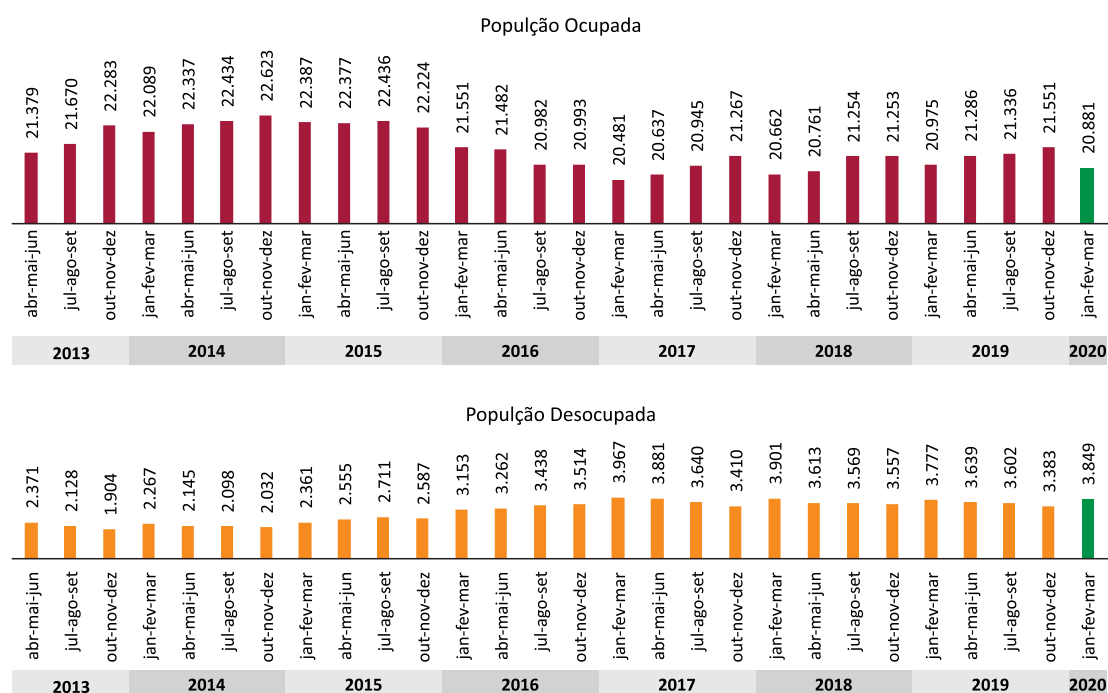
Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da Agência Nacional de Aviação Civil - ANAC

7 Mercado de Trabalho

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Nordeste encerrou o 1º trimestre de 2020 com Taxa de Desocupação de 15,6%, aumento de 0,3 ponto percentual (p.p.) em relação ao mesmo trimestre de 2019 (14,4%), maior taxa de desocupação entre as regiões brasileiras. A taxa de desemprego no País ficou em 12,2% no primeiro trimestre deste ano.

O contingente de **Pessoas Ocupadas** no Nordeste decresceu 0,4% em relação ao 1º trimestre de 2019 e alcançou 20,8 milhões de pessoas. Na mesma base de comparação, a **População Desocupada** somou 3,84 milhões de pessoas, tendo apresentado acréscimo de 1,9% frente ao mesmo trimestre de 2019 (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Nordeste: População⁽¹⁾ Ocupada e Desocupada, por trimestre - 2013 a 2020



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Nota: (1) Em mil pessoas.

O grupo Pessoas Ocupadas está estratificado em quatro subcategorias, em que, duas apresentaram crescimento frente ao 1º trimestre de 2019: Empregador (+2,1%) e Conta Própria (+1,3%). Enquanto, duas reduziram o contingente populacional no mesmo período em análise: Trabalhador familiar auxiliar (-9,0%) e Empregado (-1,0%), conforme especificado na Tabela 1.

Analisando as categorias **Empregador** e **Conta Própria**, verificou-se crescimento na taxa de formalização no comparativo entre os primeiros trimestres de 2020 e 2019. Mesmo que pontual, para este período, de fato, os avanços registrados na Região em termos de formalização são decorrentes das políticas implementadas. Como exemplo dessas políticas, tem-se a Lei Complementar nº128 de 2008, que cria a figura do Micro Empreendedor Individual (MEI).

Para a categoria **Empregador**, que participa com 3,6% da População Ocupada no Nordeste, houve crescimento do contingente populacional tanto dos empregadores com registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), aumento de 2,4%, quanto para os empregadores sem registro, incremento de 1,6% em relação ao 1º trimestre de 2019.

Quanto aos trabalhadores por **Conta Própria** (29,3% da População Ocupada), houve incremento de 1,3% em relação ao 1º trimestre de 2019, atingindo o contingente de 6,2 milhões de pessoas. O agrupamento é composto principalmente por trabalhadores sem o registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, cerca de 26,3% da População Ocupada, ou seja, 5,4 milhões de trabalhadores operam na

informalidade no Nordeste. No entanto, verifica-se uma tendência de redução desde o início da série, de 2013 a 2020.

Já em relação às categorias **Trabalhador familiar auxiliar** (-9,0%) e **Empregado** (-1,0%), registraram reduções de seu quantitativo em relação ao mesmo trimestre de 2019. Essa redução pode, em parte, ser reflexo da terceirização da mão de obra por pessoas cadastradas como Micro Empreendedor Individual (MEI).

Na categoria **Empregado** (63,9% da População Ocupada), cerca de 7,7 milhões de pessoas tinham registro em carteira de trabalho no 1º trimestre de 2020, com decréscimo de 0,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. Na mesma base de comparação, o contingente de **trabalhadores sem registro na carteira de trabalho**, a redução foi de 1,9%, quando 5,5 milhões de trabalhadores não tinham registro na CLT.

Tabela 1 – Nordeste: População Ocupada⁽¹⁾, segundo posição na ocupação - 1º trim. 2019 e 2020

População ocupada por posição no emprego	Estimativas do 1º trimestre		Var. em relação ao 1º trim. de 2019		
	2019	2020	Situação	Diferença	VAR%
Empregado	13.396	13.268	→	-128	-1,0
Setor privado (exclusive trabalhador doméstico)	8.913	8.753	→	-160	-1,8
Com carteira	5.256	5.253	→	-3	-0,1
Sem carteira	3.657	3.500	↓	-157	-4,3
Trabalhador doméstico	1.416	1.401	→	-15	-1,1
Com carteira	265	252	→	-13	-4,7
Sem carteira	1.152	1.149	→	-2	-0,2
Setor público	3.067	3.114	→	47	1,5
Com carteira	237	200	↓	-37	-15,8
Militar e funcionário público estatutário	1.990	2.022	→	32	1,6
Sem carteira	840	892	→	52	6,2
Empregador	763	779	→	16	2,1
Com CNPJ	524	536	→	12	2,4
Sem CNPJ	240	243	→	4	1,6
Conta própria	6.136	6.215	→	79	1,3
Com CNPJ	639	740	↑	101	15,9
Sem CNPJ	5.497	5.475	→	-22	-0,4
Trabalhador familiar auxiliar	680	619	→	-61	-9,0
População Ocupada	20.975	20.881	↓	-94	-0,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Nota: (1) Em mil pessoas.

No 1º trimestre de 2020, a **População Ocupada** na Região foi composta principalmente pelas atividades *Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas* (4,34 milhões de pessoas, 20,8%), *Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais* (4,07 milhões de pessoas, 19,5%), *Agricultura, pecuária, produção florestal e aquicultura* (2,62 milhões de pessoas, 12,6%) e *Indústria Geral* (1,92 milhões de pessoas). Os demais agrupamentos por atividades estão dispostos na Tabela 2.

Entre as dez atividades pesquisadas, quatro apresentaram crescimento do pessoal ocupado. *Administração Pública* foi a atividade que mais cresceu em valores absolutos, incremento de 739 mil pessoas ocupadas, crescimento de +3,5% em relação ao 1º trimestre de 2019, seguida por *Informação, comunicação e atividades financeiras*, com inserção de 49 mil pessoas no setor, avanço de 3,0%. Na mesma base de comparação, ocorreram também os incrementos em *Outros Serviços* (+2,6%) e *Indústria Geral* (+0,1%).

Todavia, seis atividades reduziram o contingente da População Ocupada. A atividade *Agricultura, pecuária, produção florestal e pesca* registrou redução do contingente populacional em 97 mil pessoas, decréscimo de 3,5% em comparação com o 1º trimestre de 2019. Na mesma base de análise, as atividades de *Transporte, armazenagem e correio* (perda de 74 mil pessoas, -7,4%); *Comércio e reparação de veículos automotores* (perda de 74 mil pessoas, -1,7%) e *Construção* (redução de 34 mil, -2,2%) também registraram importantes perdas de seu quadro de pessoal ocupado, comparando com dados do 1º trimestre de 2019.

Tabela 2 – Nordeste: População Ocupada, segundo agrupamento da atividade econômica 1º trim. de 2019 e 2020

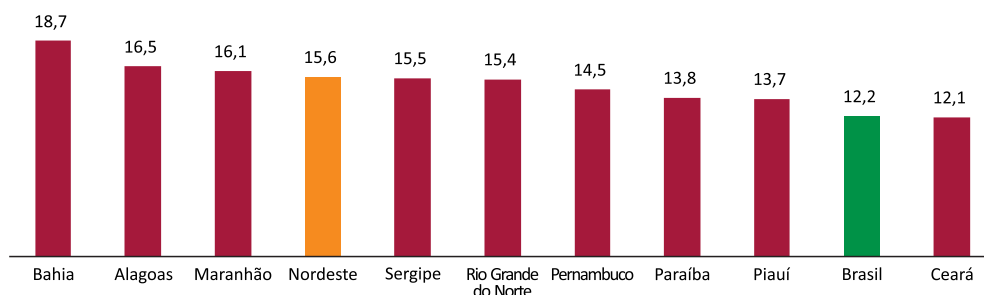
Grupamento de atividades no trabalho principal	1º trimestre (1)		Var. 1º trim 2019-2020	
	2019	2020	Absoluto	%
Comércio, reparação de veículos automot. e motocicletas	4.423	4.349	-74	-1,7
Adm. pública, defesa, segur. social, educação, saúde	3.939	4.078	139	3,5
Agricultura, pecuária, prod. florestal, pesca e aquicultura	2.725	2.629	-96	-3,5
Indústria geral	1.927	1.928	1	0,1
Informação, comunic. e ativid. financeiras, imobiliárias	1.655	1.704	49	3,0
Construção	1.513	1.479	-34	-2,2
Serviço doméstico	1.424	1.411	-13	-0,9
Alojamento e alimentação	1.350	1.331	-19	-1,4
Outro serviço	1.016	1.042	26	2,6
Transporte, armazenagem e correio	1.001	927	-74	-7,4
Atividades mal definidas	2	3	1	50,0
População Ocupada no Nordeste	20.975	20.881	-94	-0,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Nota: (1) Em mil pessoas.

Entre as Unidades Federativas do Nordeste, as maiores Taxas de Desocupação foram observadas na Bahia (18,7%), Alagoas (16,5%) e Maranhão (16,1%), que superaram a média regional (15,6%). Enquanto as menores estão no Ceará (12,1%), Piauí (13,7%) e Paraíba (13,8%), no 1º trimestre de 2020 (Gráfico 2).

A Taxa de Desocupação aumentou em seis estados, na comparação com o 1º trimestre do ano passado. As maiores altas ocorreram na Paraíba (+2,7 pontos percentuais), Rio Grande do Norte (+1,6 p.p.) e Piauí (+1,0 ponto percentual). As taxas de desocupação declinaram somente em Pernambuco (-1,6 p.p.) e Maranhão (-0,2 p.p.).

Gráfico 2 – Estados do Nordeste: Taxa de Desocupação - 1º trimestre de 2020



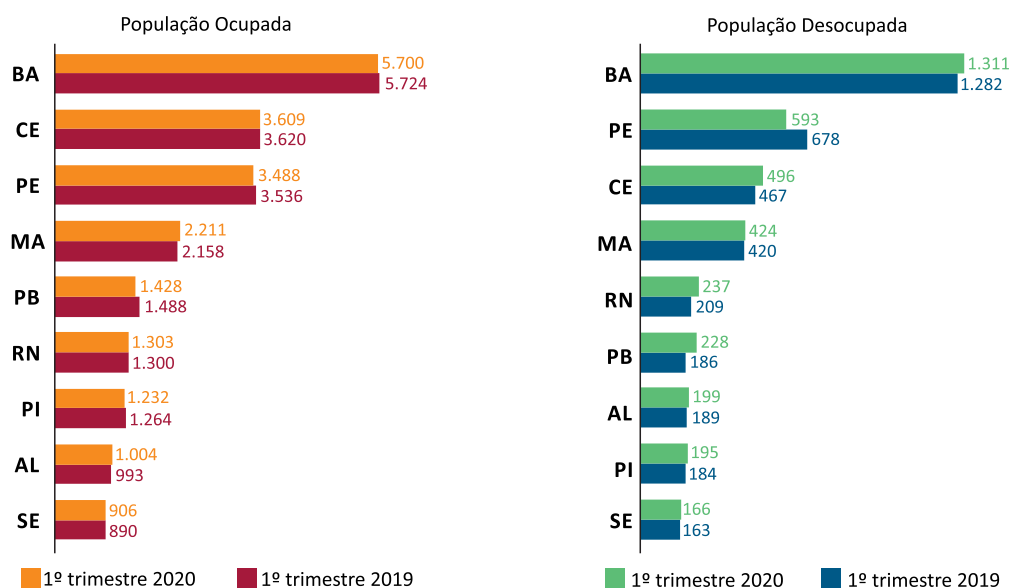
Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

O contingente de Pessoas Ocupadas no Nordeste decresceu 0,4% em relação ao 1º trimestre de 2019 e chegou a 20,8 milhões de pessoas. Entre os estados da Região, apenas Maranhão (+53 mil pessoas), Sergipe (+16 mil pessoas), Alagoas (+11 mil pessoas) e Rio Grande do Norte (+3 mil pessoas) aumentaram o contingente da População Ocupada, na mesma base de análise. Enquanto, Paraíba (-60 mil pessoas), Pernambuco (-48 mil pessoas), Piauí (-32 mil pessoas), Bahia (-24 mil) e Ceará (-11 mil) reduziram o contingente de Pessoas Ocupadas (Gráfico 3).

Em relação à **População Desocupada**, a Região somou 3,84 milhões pessoas, representando incremento de 72 mil pessoas, em relação ao 1º trimestre de 2019. Na Região, a População Desocupada avançou em seis Estados, com maior expressão na Paraíba (+42 mil pessoas), Bahia (+29 mil) e Ceará (+29 mil).

A categoria **População Ocupada** está estratificada em quatro subcategorias, em que, Empregado (63,5%) e Conta Própria (29,8%) concentram mais de 90% da população ocupada na Região, no 1º trimestre de 2020. Enquanto, Empregador (3,7%) e Trabalhador familiar auxiliar (3,0%) participam em menor proporção na Região.

Gráfico 3 – Estados do Nordeste: Estimativa da População⁽¹⁾ Ocupada e Desocupada - 1º trimestre de 2019 e 2020



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Nota: (1) Em mil pessoas.

Em relação à categoria **Empregado**, com 63,9% da População Ocupada da Região, ou seja, 13,1 milhões pessoas no 1º trimestre de 2020, Alagoas, com 67,4% da População Ocupada, apresentou o maior contingente de Empregado proporcionalmente ao total de pessoas considerada ocupada no Estado. Em seguida, tem-se Rio Grande do Norte, com 65,8% da População Ocupada do Estado e, Pernambuco, com participação de 65,5% da População Ocupada do Estado, no 1º trimestre de 2020 (Tabela 3).

Na categoria Empregado, quatro Estados registraram crescimento em seu quantitativo em relação ao 1º trimestre de 2019: Sergipe (+5,0%), Maranhão (+4,9%), Rio Grande do Norte (+0,8%) e Ceará (+0,3%). Na mesma base de análise, ocorreram redução de Empregados no Piauí (-4,4%); Pernambuco (-4,2%), Bahia (-1,9%), Paraíba (-1,7%) e Alagoas (-1,6%).

Quanto à categoria **Conta Própria**, com 29,3% da População Ocupada do Nordeste, atingiu contingente de 6,2 milhões pessoas, no 1º trimestre de 2020. Entre os Estados da Região, Maranhão atingiu a maior participação de trabalhadores por Conta Própria em relação à sua População Ocupada, cerca de 32,7% dos ocupados desenvolvem suas atividades por Conta Própria. Em seguida, tem-se Piauí, com 32,5% da População Ocupada do Estado e, Paraíba, com participação de 30,4% da População Ocupada desse Estado.

Na categoria **Conta Própria**, apenas Sergipe (-3,4%) e Paraíba (-3,3%) reduziram o contingente em relação ao 1º trimestre de 2019. Na mesma comparação, seis estados aumentaram o agrupamento de pessoas que trabalham por Conta Própria: Pernambuco (+5,7%), Alagoas (+5,0%), Ceará (+1,4%), Bahia (+1,1%), Piauí (+0,3%) e Maranhão (+0,1%). Enquanto, Rio Grande do Norte permaneceu praticamente estável.

Tabela 3 – Nordeste e Estados: População Ocupada⁽¹⁾, segundo a posição na ocupação - 1º trimestre de 2019 e 2020

Nordeste e Estados	Empregado		Conta própria		Empregador		Trabalhador familiar auxiliar	
	1º T 2019	1º T 2020	1º T 2019	1º T 2020	1º T 2019	1º T 2020	1º T 2019	1º T 2020
Maranhão	1.290	1.353	723	724	61	61	84	73
Piauí	721	688	400	401	56	48	87	95
Ceará	2.307	2.313	1.037	1.052	147	147	129	99
Rio Grande do Norte	851	857	372	372	42	53	35	23
Paraíba	923	907	449	434	66	53	50	35
Pernambuco	2.382	2.283	958	1.013	122	135	74	57
Alagoas	687	677	261	274	30	30	15	22
Sergipe	561	588	261	252	34	42	34	24
Bahia	3.674	3.604	1.675	1.693	204	212	171	191
Nordeste	13.396	13.268	6.136	6.215	763	779	680	619

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Nota: (1) Em mil pessoas.

No 1º trimestre de 2020, a **População Ocupada** na Região foi composta principalmente pelas atividades de *Comércio* (20,8%), *Administração pública* (19,5%), *Agricultura, pecuária, produção florestal e aquicultura* (12,6%) e *Indústria Geral* (9,2%).

Entre as dez atividades pesquisadas na Região, *Administração Pública* foi a atividade que mais cresceu, aumento de +3,5% em relação ao 1º trimestre de 2019, seguida por *Informação, Comunicação e Atividades Financeiras*, avanço de 3,0%.

Na Bahia, com maior contingente (5,7 milhões pessoas), a **População Ocupada** no Estado foi composta principalmente pelas atividades *Administração pública* (19,3%), *Comércio* (18,4%), *Agricultura, pecuária, produção florestal e aquicultura* (16,4%) e *Indústria Geral* (8,8%), no 1º trimestre de 2020. Entre as atividades que cresceram em relação ao 1º trimestre de 2020: *Outros serviços* (+12,1%), *Administração pública* (+8,8%), *Agricultura, pecuária, produção florestal e aquicultura* (+7,5%) e *Indústria geral* (5,9%).

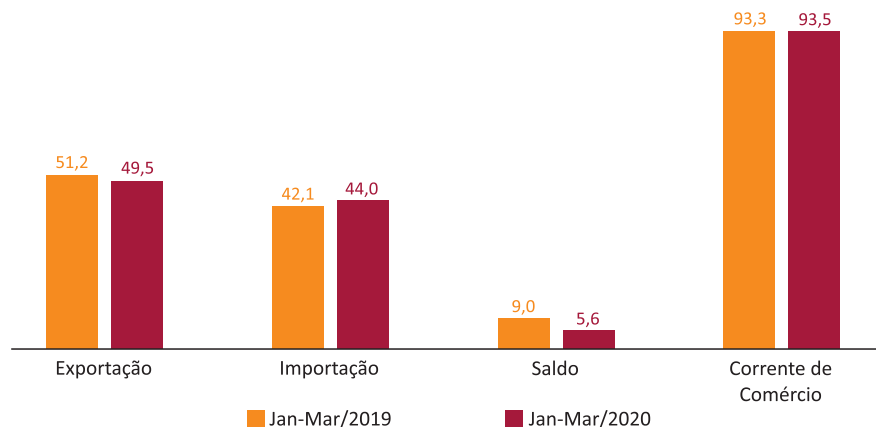
Ceará, segundo Estado com maior População Ocupada no Nordeste, cerca de 3,6 milhões pessoas, tem maior representatividade nas atividades do *Comércio* (21,9%), *Administração pública* (17,9%) e *Indústria geral* (12,7%), no 1º trimestre de 2020. Entre as atividades, *Administração pública* (+6,4%), Transporte, armazenagem e correio (+3,2%) e *Comércio* (+3,1%) foram as que mais cresceram em comparação ao 1º trimestre de 2019.

Em Pernambuco, terceiro estado com maior contingente de População Ocupada, 3,4 milhões de pessoas, que estão distribuídas, principalmente, nas atividades do *Comércio* (21,1%), *Administração pública* (19,6%) e *Indústria geral* (10,6%). Entre as atividades que mais avançaram no contingente de pessoas ocupadas, em relação ao 1º trimestre de 2019, destacam-se: *Alojamento e alimentação* (+8,0%), *Outros serviços* (+8,0%) e *Informação, comunicação e atividades financeiras* (+4,0%).

8 Comércio Exterior

A balança comercial brasileira apresentou superávit de US\$ 5.562,2 milhões, no primeiro trimestre de 2020, 38,4% inferior ao registrado no ano anterior (US\$ 9.025,4 milhões), segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério da Economia (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Brasil - Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio - US\$ bilhões



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME (coleta de dados realizada em 06/04/2020).

As exportações brasileiras atingiram US\$ 49.520,7 milhões, revelando queda de 3,2%, enquanto as importações somaram US\$ 43.958,5 milhões, incremento de 4,3%, no trimestre, sobre mesmo período de 2019.

A Corrente de Comércio do Brasil, indicador expresso pela soma dos valores exportados e importados pelo País, alcançou US\$ 93.479,1 milhões, praticamente o mesmo montante do primeiro trimestre de 2019 (US\$ 93.310,6 milhões).

A decomposição das exportações brasileiras por setores de atividades econômicas (Tabela 1) mostra que, de janeiro a março de 2020, as vendas de produtos da Indústria de Transformação representaram mais da metade da pauta exportadora (56,9%), com queda de 8,7% relativamente ao mesmo período de 2019. Os principais produtos desse setor foram: Óleo combustível (3,3% da pauta); Pastas químicas de madeira (2,8%) e Carnes desossadas de bovino, congeladas (2,8%). As vendas externas de Óleo combustível, Carnes desossadas de bovino, congeladas cresceram 164,2% e 29,8%, respectivamente, enquanto as de Pastas químicas de madeira decresceram 32,8%, no período em análise.

Tabela 1 - Brasil - Exportação por setor de atividades econômicas - US\$ milhões

Atividade Econômica	jan-mar/2020		jan-mar/2019		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Agropecuária	591,7	16,0	583,7	16,2	1,4
Indústria Extrativa	157,4	4,3	182,8	5,1	-13,9
Indústria de Transformação	2.920,4	79,1	2.797,9	77,5	4,4
Outros Produtos (1)	24,4	0,7	44,0	1,2	-44,5
Total	3.694,0	100,0	3.608,5	100,0	2,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME (coleta de dados realizada em 06/04/2020).

Óleos brutos de petróleo (12,8% da pauta do País) e Minérios de ferro e seus concentrados (9,3%) foram os principais produtos da Indústria Extrativa exportados. Entretanto, enquanto as vendas de Óleos

brutos de petróleo cresceram 18,6%, as de Minérios de ferro e seus concentrados retrocederam 0,9%, sinalizando a retração da demanda mundial.

Na Agropecuária, os principais produtos exportados foram: Soja (12,5% da pauta), Café em grão (2,3%) e Algodão (2,0%). A valorização do dólar ante o real contribuiu para o incremento das vendas de Soja (+9,4%) e Algodão (82,7%). A comercialização de Café recuou 6,4%, no período em análise, resultado de uma safra menor.

Os três principais mercados de destino dos produtos brasileiros absorveram 43,6% do total das vendas externas, no primeiro trimestre de 2020: China (28,6%, Soja, Óleos brutos de petróleo, Minérios de ferro e seus concentrados); Estados Unidos (10,6%, Produtos semimanufaturados de ferro ou aços, Óleos brutos de petróleo, Produtos manufaturados); Argentina (4,4%, Automóveis de passageiros, Partes e peças para veículos automóveis e tratores, Veículos de carga). Comparativamente ao primeiro trimestre de 2019, retrocederam as exportações para os Estados Unidos (-19,3%) e Argentina (-6,9%), enquanto cresceram as vendas para a China (+7,4%).

A desagregação das importações brasileiras por Categorias Econômicas (Tabela 2) revela crescimento nas aquisições de Bens de capital (+25,4%), Bens intermediários (+ 2,8%) e Bens de consumo não duráveis (+2,3%), no período comparativo em análise. Por outro lado, apresentaram queda do valor importado, os Bens de consumo duráveis (-19,4%) e Combustíveis e lubrificantes (-8,5%).

Tabela 2 – Brasil - Importação por grandes categorias econômicas - US\$ milhões

Categoria Econômica	jan-mar/2020		jan-mar/2019		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	354,1	8,0	300,7	6,5	17,8
Bens intermediários	2.463,6	55,8	2.587,8	56,2	-4,8
Bens de consumo	321,6	7,3	350,2	7,6	-8,2
Bens de consumo não duráveis	268,0	6,1	261,0	5,7	2,7
Bens de consumo duráveis	53,6	1,2	89,2	1,9	-39,9
Combustíveis e lubrificantes	1.276,0	28,9	1.365,0	29,6	-6,5
Bens não classificados	3,0	0,1	0,6	0,0	401,9
Total	4.418,3	100,0	4.604,3	100,0	-4,0

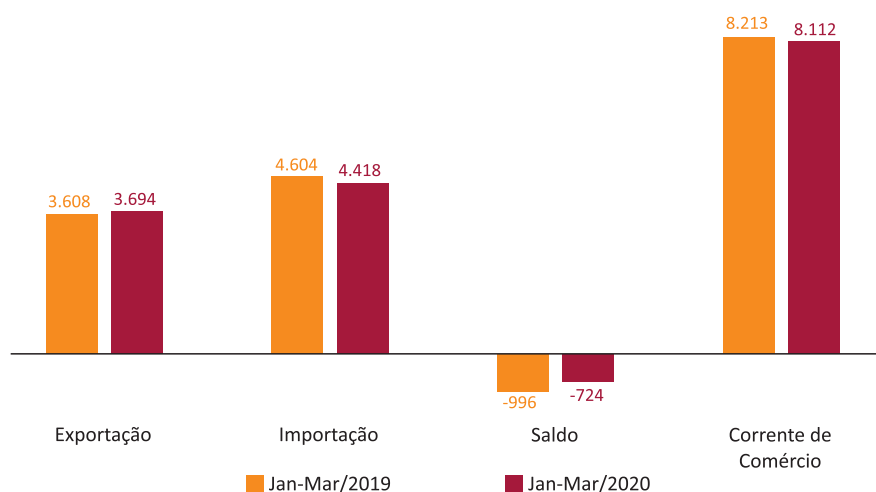
Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME (coleta de dados realizada em 06/04/2020).

Já os principais países de origem das importações brasileiras, no trimestre, foram: China (22,4%, Plataformas de perfuração ou de exploração, dragas, Produtos manufaturados; Aparelhos transmissores ou receptores e componentes); Estados Unidos (18,1%, Óleos combustíveis, Maquinas e aparelhos para terraplanagem, perfuração Produtos manufaturados); Alemanha (5,7%, Demais produtos manufaturados, Medicamentos para medicina humana e veterinária, Motores, geradores e transformadores elétricos e suas partes). Comparativamente ao mesmo trimestre de 2019, cresceram as aquisições vindas dos Estados Unidos (+22,2%) e Alemanha (+3,2%) e retrocederam as da China (-3,9%). Esta queda já reflete os efeitos iniciais da pandemia no País asiático que gerou problemas de logística e de abastecimento.

Em nota, a Secex ressaltou que “embora o cenário econômico adverso ainda não esteja completamente refletido nos dados disponíveis, é razoável supor que os fluxos de mercadorias serão duramente afetados pelos efeitos da pandemia da Covid-19”. Avalia ainda que a “diminuição da expectativa de crescimento do PIB brasileiro e o câmbio real mais desvalorizado deverão reduzir demanda por importações, sobretudo de bens industrializados. As exportações, por sua vez, deverão ser mais afetadas por uma queda dos preços internacionais dos principais produtos da pauta exportadora brasileira, causada pelo baixo dinamismo da economia mundial”.

As exportações do Nordeste totalizaram US\$ 3.694,0 milhões no primeiro trimestre de 2020, aumento de 2,4% relativamente ao mesmo período de 2019 (Gráfico 2). As importações somaram US\$ 4.418,3 milhões, retrocedendo 4,0%, nesse intervalo, diante da desvalorização do real.

Gráfico 2 – Nordeste: Exportação, importação, saldo e corrente de comércio - US\$ milhões



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME.

A balança comercial da Região, portanto, registrou deficit de US\$ 724,3 milhões (menor que os US\$ 995,8 milhões acumulados de janeiro a março do ano passado), enquanto a corrente de comércio atingiu US\$ 8.112,3 milhões (queda de 1,2%).

A análise das exportações do Nordeste por setores de atividades econômicas (Tabela 3) mostra crescimento de 1,4% em Agropecuária e 4,4% na Indústria de Transformação. Juntas, representaram 95,1% da pauta exportadora do Nordeste.

Tabela 3 – Exportações do Nordeste por atividade econômica - US\$ bilhões

Atividade Econômica	jan-mar/2020		jan-mar/2019		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Agropecuária	9.385,4	19,0	9.172,9	17,9	2,3
Indústria Extrativa	11.731,8	23,7	10.875,9	21,3	7,9
Indústria de Transformação	28.181,3	56,9	30.861,9	60,3	4,4
Outros Produtos (1)	222,2	0,4	257,2	0,5	13,6
Total	49.520,7	100,0	51.168,0	100,0	3,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME. Nota: (1) ????

Na Agropecuária, os destaques foram o incremento das vendas de Algodão (+58,9%) e Milho em grão (+1.318,8%) que contrabalançaram a queda de receita nas vendas de Soja (-19,2%) motivada pelo atraso no plantio do grão na Bahia.

Os principais produtos exportados da Indústria de Transformação foram: Óleo combustível (13,9% da pauta da Região) e Pastas químicas de madeira (8,9%) que registraram crescimento de 113,6% e 11,4%, respectivamente. Já as vendas externas de Alumina calcinada (6,9%) recuaram 27,4%, no período em análise.

Na Indústria Extrativa, Magnésia calcinada e Sal marinho, a granel cresceram 37,4% e 74,0%, nessa ordem, no período de janeiro a março de 2020 frente a janeiro a março de 2019. Por outro lado, o principal produto exportado pelo setor, Minérios de ferro e seus concentrados retrocedeu 43,4%. Vale ressaltar que a Bahia voltou a exportar Minérios de níquel e seus concentrados, após 4 anos.

Os cinco principais parceiros comerciais do Nordeste absorveram 56,5% das vendas externas da Região, no trimestre janeiro a março de 2020: Estados Unidos (15,9%, Produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado; Partes de motores, geradores, grupos eletrogeradores; Grupos eletrogêneos de energia eólica); China (13,3%, Soja; Pastas químicas de madeira; e Algodão); Cingapura (13,3%, Óleo combustível; Cravo-da-índia, Ceras vegetais); Canadá (7,0%, Alumina calcinada; Produtos semimanufaturados de ferro ou aço não

ligado; Bulhão dourado (bulliondoré); e Argentina (7,0%, Automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros; Alumina calcinada; Veículos automóveis com motor a explosão, carga <= 5 toneladas).

Comparativamente ao trimestre janeiro/março de 2019, retrocederam as exportações para Estados Unidos (-12,4%), China (-9,6%) e Canadá (-5,4%). Por outro lado, cresceram as vendas para a Argentina (+14,9%) e Cingapura (+501,6%).

Do lado das importações do Nordeste (Tabela 4), as categorias Bens de Capital (8,0% da pauta) e Bens de consumo não duráveis (6,1%) incrementaram de 17,8% e 2,7%, respectivamente, no primeiro trimestre deste ano, ante mesmo período do ano anterior. As demais, Bens intermediários (55,8% das aquisições), Bens de consumo duráveis (1,2%) e Combustíveis e lubrificantes (28,9%) sofreram redução nas compras de 4,8%, 39,9% e 6,5%, nessa ordem. As quedas mais significativas foram nas aquisições de Naftas para petroquímica (-27,5%), Sulfetos de minérios de cobre e seus concentrados (-55,5%) e Óleos brutos de petróleo (-24,9%).

Tabela 4 – Importações do Nordeste por categoria econômica - US\$ milhões

Categorias Econômicas	jan-mar/2020		jan-mar/2019		Variação (%)
	Valor (R\$ milhões)	Participação (%)	Valor (R\$ milhões)	Participação (%)	
Bens de capital	354,1	8,0	300,7	6,5	17,8
Bens intermediários	2.463,6	55,8	2.587,8	56,2	-4,8
Bens de consumo	321,6	7,3	350,2	7,6	-8,2
Bens de consumo não duráveis	268,0	6,1	261,0	5,7	2,7
Bens de consumo duráveis	53,6	1,2	89,2	1,9	-39,9
Combustíveis e lubrificantes	1.276,0	28,9	1.365,0	29,6	-6,5
Bens não classificados	3,0	0,1	0,6	0,0	401,9
Total	4.418,3	100,0	4.604,3	100,0	-4,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME.

Os principais produtos importados por categoria foram: Combustíveis e lubrificantes: Óleo combustível (10,2% das aquisições), Gasolinas (6,8%), Querosenes de aviação (2,8%); Bens de Capital: Veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas (2,6%); Máquinas para aglomerar ou moldar combustíveis minerais sólidos, pastas cerâmicas, cimento, gesso ou outras matérias (0,6%); Conversores elétricos estáticos (0,3%); Bens intermediários: Naftas para petroquímica (5,7%), Trigos e misturas de trigo com centeio (4,12%), Sulfetos de minérios de cobre e seus concentrados (2,7%).

Os principais países de origem das importações do Nordeste, no trimestre janeiro/março de 2020, foram responsáveis por 65,8% das aquisições da Região: Estados Unidos (34,5%, Óleo diesel; Gasolinas; Querosenes de aviação); China (14,1%, Células solares em módulos ou painéis; Redutores, multiplicadores, caixas de transmissão; Conversores elétricos estáticos); Argentina (10,3%, Trigos e misturas de trigo com centeio; Veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas; Butanos liquefeitos); Espanha (4,0%, Naftas para petroquímica; Querosenes; Grafita artificial) e México (2,9%, Motores de explosão; Caixas de marchas; Ácido tereftálico e seus sais).

Comparativamente ao primeiro trimestre de 2019, cresceram as compras oriundas dos Estados Unidos (+15,8%), China (+32,8%), Argentina (+9,5%), Espanha (+57,0%) e México (+10,6%). Vale ressaltar, ainda, as significativas quedas verificadas nas importações oriundas da Índia (-64,3%), Argélia (-68,5%) e Países Baixos (Holanda) (-81,7%), nesse período.

Quanto aos Estados, as exportações do Maranhão somaram US\$ 652,7 milhões, no primeiro trimestre de 2020, registrando queda de 6,8%, relativamente ao primeiro trimestre de 2019. As vendas do principal produto da pauta do Estado, Alumina calcinada, com participação de 39,1%, recuou 27,4%, nesse período. Já as importações atingiram US\$ 699,1 milhões, contribuindo com 15,8% do total da Região. Ante janeiro a março do ano passado, aumentaram 21,8%, devido, principalmente, ao aumento das aquisições de Óleo diesel (+40,15%) e Gasolinas (+57,2%). O saldo das trocas comerciais, nesse trimestre, foi deficitário em US\$ 46,4 milhões.

A Tabela 5 e os Quadros 1 e 2 sintetizam os valores e principais produtos do comércio exterior do Nordeste e Estados, bem como os principais parceiros comerciais.

Tabela 5 – Nordeste e Estados: Exportação, importação e Saldo da balança comercial - Jan/mar 2020 - US\$ milhões

Estados	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. (%)	Var (%) Jan-mar 2020/2019	Valor	Part. (%)	dVar (%) Jan-mar 2020/2019	
Maranhão	652,7	17,7	-6,8	699,1	15,8	21,8	-46,4
Piauí	53,4	1,4	-5,5	104,3	2,4	237,8	-50,9
Ceará	555,5	15,0	-0,5	669,0	15,1	41,3	-113,4
Rio Grande do Norte	91,5	2,5	-16,7	45,7	1,0	33,1	45,8
Paraíba	31,9	0,9	11,6	151,8	3,4	46,9	-119,9
Pernambuco	372,1	10,1	30,3	1.164,9	26,4	-12,6	-792,9
Alagoas	125,1	3,4	56,2	202,6	4,6	62,2	-77,4
Sergipe	12,3	0,3	-31,6	67,5	1,5	29,4	-55,3
Bahia	1.799,4	48,7	1,6	1.313,4	29,7	-30,1	486,0
Total	3.694,0	100,0	2,4	4.418,3	100,0	-4,0	-724,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME (coleta de dados realizada em 07/03/2020).

O Piauí também acumulou déficit de US\$ 50,9 milhões, no primeiro trimestre de 2020, resultado de US\$ 53,4 milhões de exportações e US\$ 104,3 milhões de importações. Relativamente ao mesmo período de 2019, as exportações piauienses recuaram 5,5%, enquanto as importações cresceram 237,8%. As vendas de Soja (42,9% da pauta do Estado) contraíram 45,3%, no período em foco. A China reduziu suas aquisições do grão em 53,5%, reflexo dos impactos da pandemia do novo Coronavírus. O incremento das aquisições foi devido às compras de Células solares em módulos ou painéis (72,0% do total) utilizadas em painéis fotovoltaicos que convertem luz solar em energia elétrica.

O Ceará registrou, no período de janeiro a março de 2020, exportações no valor de US\$ 555,5 milhões (-0,5%) e de importações de US\$ 669,0 milhões (+41,3%), acumulando deficit de US\$ 113,4 milhões. As vendas dos principais produtos semimanufaturados de ferro ou aço atingiram 48,8% da pauta cearense, retrocedendo 2,3%, no período em análise. Já as aquisições de Óleo diesel e Gasolinas incrementaram 225,5% e 284,1%, respectivamente, oriundas dos Estados Unidos.

No Rio Grande do Norte, o saldo da balança comercial registrou superavit de US\$ 45,8 milhões, decorrente de US\$ 91,5 milhões de exportações e de US\$ 45,7 milhões de importações. Frente a janeiro a março de 2020, as exportações decresceram 16,7%, enquanto as importações cresceram 33,1%. Melões frescos (32,2% da pauta), Sal marinho (23,0%) e Melancias frescas (8,2%) foram os principais produtos exportados pelo Estado, no primeiro trimestre de 2020. Relativamente ao primeiro trimestre do ano anterior, Melões frescos e Melancias frescas registraram quedas na receita de 35,7% e 41,2%, respectivamente. Enquanto as exportações de Sal marinho incrementaram 74,0%.

As exportações da Paraíba somaram US\$ 31,9 milhões e as importações alcançaram US\$ 151,8 milhões, gerando deficit de US\$ 119,9 milhões na balança comercial do Estado, no período de janeiro a março de 2020. Comparativamente ao mesmo período do ano passado, cresceram 11,6% e 46,9%, respectivamente. As vendas externas de Calçados de borracha ou plásticos (50,6% da pauta) e Ilmenita (minérios de titânio) (11,1%) cresceram 6,6% e 26,8%, nessa ordem. Vale ressaltar que as exportações de Soja responderam por 7,4% do total do Estado, no período de janeiro a março deste ano.

Em Pernambuco, no primeiro trimestre de 2020, as exportações totalizaram US\$ 372,1 milhões e as importações, US\$ 1.164,9 milhões, resultando em deficit de US\$ 792,9 milhões no saldo da balança comercial. Ante o primeiro trimestre de 2019, as exportações aumentaram 30,3%, com destaque para os principais produtos vendidos: Óleo combustível (+37,1%) e Poli(tereftalato de etileno) (+73,8%) e Automóveis com motor a explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros (+30,5%). As importações caíram 12,6%, com destaque para a redução de US\$ 153,00 milhões (-79,2%) nas aquisições de Óleo diesel.

Em Alagoas, tanto as exportações (US\$ 125,1 milhões) quanto as importações (US\$ 202,6 milhões) aumentaram 56,2% e 62,2%, respectivamente, no período em análise. As trocas comerciais geraram déficit de US\$ 77,4 milhões. O aumento das exportações alagoanas foi devido ao incremento de 49,6% nas vendas de Açúcares de cana. Os principais países de destino do produto foram Argélia (38,3%), Estados Unidos (14,5%), Canadá (13,8%), Nigéria (12,3%) e Reino Unido (11,6%)

Sergipe exportou US\$ 12,3 milhões, no primeiro trimestre de 2020, valor 31,6% inferior ao total registrado no mesmo período de 2019. Esse resultado decorreu, principalmente, da queda de 27,9% nas vendas de Suco de laranja e de 87,5% em Açúcares de cana. Já as importações (US\$ 67,5 milhões) cresceram 29,4%, nesse período, devido ao incremento no valor das aquisições de Trigos e misturas de trigo com centeio (+US\$ 5,1 milhões) e de Gás natural liquefeito (+US\$ 7,2 milhões). Essas transações comerciais geraram déficit na balança comercial de US\$ 55,3 milhões.

A Bahia lidera o ranking dos estados exportadores e importadores do Nordeste, participando com 48,7% do total das vendas e com 29,7% das compras externas. No acumulado de janeiro a março de 2020, as exportações, US\$ 1.799,4 milhões, cresceram 1,6% e as importações, US\$ 1.313,4 milhões, decresceram 30,1%, frente a janeiro a março de 2019. A balança comercial do Estado foi superavitária em US\$ 486,0 milhões. As significativas taxas de crescimentos das vendas de Óleo combustível (+147,8%) e Algodão (+59,5%) foram responsáveis pelo desempenho positivo das exportações. Cingapura assumiu o posto de principal país de destino, com 21,6% de participação, registrando incremento de 389,9% nas aquisições oriundas desse Estado.

Quadro 1 - Nordeste e Estados: Principais produtos exportados e importados - Jan-mar/2020 - Em %

Estado/Região	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Maranhão	Alumina calcinada (39,1%), Pasta química de madeira (17,2%), Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura (16,8%)	Óleo diesel (49,0%), Gasolinas (20,0%), Álcool etílico (4,9%)
Piauí	Soja (42,9%), Ceras vegetais (29,0%), Milho em grão (11,2%)	Células solares em módulos ou painéis (72,0%), Conversores elétricos estáticos (3,0%), Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado (2,7%)
Ceará	Produtos semimanufaturados de ferro ou aço (42,4%), Partes de outros motores/ geradores/ grupos eletrogeradores (8,4%), Produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado (6,4%)	Hulha betuminosa, não aglomerada (12,4%), Gasóleo (óleo diesel) (9,9%), Outras gasolinas, exceto para aviação (9,7%)
Rio Grande do Norte	Melões frescos (32,2%), Sal marinho (23,0%), Melancias frescas (8,2%)	Trigos e misturas de trigo com centeio (39,8%), Gerador elétrico de corrente contínua (3,1%), Tecidos (2,5%)
Paraíba	Calçados de borracha/plástico (50,6%), Ilmenita (minérios de titânio) (11,1%), Soja (7,4%)	Óleos brutos de petróleo (11,9%), Borrachas de estireno-butadieno (SBR) (8,8%), Naftas (8,5%)
Pernambuco	Óleo combustível (27,0%), Politereftalato de etileno (12,3%), Automóveis c motor a explosão (11,7%)	Querosenes de aviação (10,7%), Gasolinas (8,0%), P-xileno (7,1%)
Alagoas	Açúcares de cana (80,8%), Soja (6,3%), Milho em grão (3,6%)	Dicloreto de etileno (ISO) (1,2-dicloroetano) (8,6%), Alhos, frescos ou refrigerados, exceto para semeadura (7,7%), Outros cabos de alumínio, não isolados para usos elétricos (2,9%)
Sergipe	Suco de laranja (56,1%), Preparações alimentícias (8,1%), Óleos de laranja (7,8%)	Tubos flexíveis de ferro ou aço (27,7%), Trigos e misturas de trigo com centeio (17,8%), Gás natural liquefeito (10,7%)
Bahia	Óleo combustível (22,7%), Pasta química de madeira (12,1%), Algodão (8,1%)	Naftas para petroquímica (19,3%), Sulfetos de minérios de cobre (8,9%), Veículos automóveis com motor diesel para carga (6,6%)
Nordeste	Óleo combustível (13,9%), Pasta química de madeira (8,9%), Alumina calcinada (6,9%)	Óleo diesel (10,2%), Gasolinas (6,8%), Naftas para petroquímica (5,7%)

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME (coleta de dados realizada em 07/03/2020).

Quadro 2 – Nordeste e Estados: Principais países de destino das exportações e origem das importações

Estados	Principais Países de Destinos das Exportações	Principais Países de Origens das Importações
Maranhão	Canadá (21,5%), Estados Unidos (17,4%) e China (15,4%).	Estados Unidos (77,1%), Rússia (4,2%) e Colômbia (2,5%).
Piauí	China (45,6%), Estados Unidos (12,7%) e Irã (8,5%).	China (78,0%), Rússia (7,4%) e Itália (3,6%).
Ceará	Estados Unidos (33,0%), Canadá (11,5%) e Turquia (7,2%).	Estados Unidos (35,4%), China (20,7%) e Argentina (7,9%).
Rio Grande do Norte	Estados Unidos (24,2%), Países Baixos (Holanda) (17,0%) e Espanha (15,4%).	Argentina (36,5%), China (18,0%) e Estados Unidos (15,5%).
Paraíba	França (20,4%), Bélgica (7,4%), Filipinas (6,8%)	Estados Unidos (34,4%), China (20,0%) e Argentina (13,3%).
Pernambuco	Argentina (30,2%), Cingapura (27,0%) e Estados Unidos (5,5%).	Estados Unidos (41,6%), Argentina (14,5%) e China (9,4%).
Alagoas	Argélia (31,0%), Reino Unido (14,7%), Estados Unidos (13,1%),	China (48,8%), Estados Unidos (16,4%) e Argentina (5,0%).
Sergipe	Países Baixos (Holanda) (36,1%), Bélgica (23,5%) e Estados Unidos (5,7%).	Brasil (30,6%), Argentina (17,8%) e Estados Unidos (16,5%).
Bahia	Cingapura (21,6%), China (18,4%), Estados Unidos (12,4%),	Estados Unidos (12,3%), Argentina (12,3%) e Espanha (11,0%).
Nordeste	Estados Unidos (15,9%), China (13,3%) e Cingapura (13,3%).	Estados Unidos (34,5%), China (14,1%) e Argentina (10,3%).

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da SEPEC/ME (coleta de dados realizada em 07/03/2020).

9 Finanças Públicas

As Transferências Fiscais representam repasses de verbas entre instituições públicas, a exemplo do Fundo de Participação dos Estados (FPE) e do Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

Tanto o FPE quanto o FPM são oriundos de um percentual da receita obtida com o Imposto de Renda e com o Imposto sobre Produtos Industrializados (21,5% para o FPE e 24,5% para o FPM). Dos valores distribuídos para os mencionados Fundos, deduz-se 20,0% para o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb).

Os repasses para os Estados e municípios são determinados, principalmente, pela dimensão da população e pelo nível de renda *per capita* dos entes federativos. Os recursos variam diretamente em relação ao tamanho da população e inversamente em comparação com a renda *per capita*. Ressalte-se que as Unidades Federativas das regiões de menor desenvolvimento econômico, a exemplo do Nordeste, dependem de forma substancial desses repasses constitucionais para arcar com suas respectivas despesas correntes, bem como realizar investimentos.

O FPE no Brasil totalizou R\$ 22,4 bilhões no primeiro trimestre de 2020, ante R\$ 21,9 bilhões em 2019, conforme a Tabela 1. Descontada a inflação do período, verificou-se queda de -1,24% nessas transferências. Os dados são da Secretaria do Tesouro Nacional (STN).

Tabela 1 - FPE e FPM - Brasil, Nordeste e Estados - R\$ Milhões - 1º Trimestre

Estado/Região	FPE		FPM		FPM CAPITAIS	
	2019	2020	2019	2020	2019	2020
Alagoas	925	945	520	534	98	101
Bahia	2.037	2.097	2.103	2.157	176	182
Ceará	1.588	1.633	1.138	1.168	196	202
Maranhão	1.570	1.616	962	987	122	126
Paraíba	1.035	1.069	719	738	78	81
Pernambuco	1.501	1.544	1.126	1.135	123	113
Piauí	948	971	608	625	122	126
Rio Grande do Norte	915	936	567	582	71	73
Sergipe	904	927	342	351	71	73
Nordeste	11.423	11.738	8.085	8.275	1.058	1.077
Espírito Santo	344	351	421	432	47	48
Minas Gerais	983	1.008	3.007	3.083	118	121
Brasil	21.889	22.445	22.907	23.489	2.291	2.349

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da STN.

O FPE para os Estados do Nordeste alcançou R\$ 11,7 bilhões no primeiro trimestre de 2020, ante R\$ 11,4 bilhões no primeiro trimestre de 2019, representando, contudo, perda real de 1,0% no período em análise. As Unidades Federativas da Região receberam 52,3% do total do FPE no primeiro trimestre de 2020.

Todas as Unidades Federativas do Nordeste tiveram perdas reais no volume de recursos do FPE no primeiro trimestre de 2020, em comparação com igual período de 2019. Bahia (R\$ 2,1 bilhões), Ceará (R\$ 1,6 bilhão), Maranhão (R\$ 1,6 bilhão) e Pernambuco (R\$ 1,5 bilhão) obtiveram 58,7% dos valores destinados ao Nordeste. Seguiram Paraíba (R\$ 1,1 bilhão), Piauí (R\$ 971 milhões), Alagoas (R\$ 945 milhões), Rio Grande do Norte (R\$ 936 milhões) e Sergipe (927 milhões), com 41,3% do total.

O FPM no País somou R\$ 23,5 bilhões no primeiro trimestre de 2020, em comparação com R\$ 22,9 bilhões em 2019 (Tabela 1). Verificou-se queda de 1,24% em termos reais. O FPM para o Nordeste totalizou R\$ 8,3 bilhões no primeiro trimestre de 2020, em contraste com R\$ 8,1 bilhões em iguais meses de 2019, implicando perda real de 1,42% (Tabela 1).

O Nordeste recebeu 35,2% do total dos recursos do FPM em 2020. Todas as Unidades Federativas da Região registraram perda real no volume de recursos do FPM no primeiro trimestre de 2020, em comparação com igual período de 2019.

Bahia (R\$ 2,2 bilhões), Ceará (R\$ 1,2 bilhão), Pernambuco (R\$ 1,1 bilhão) e Maranhão (R\$ 978 milhões) foram beneficiados com 65,8% do total de recursos destinados à Região. Seguiram Paraíba (R\$ 738 milhões), Piauí (R\$ 625 milhões), Rio Grande do Norte (R\$ 582 milhões), Alagoas (R\$ 537 milhões) e Sergipe (R\$ 351 milhões), com 34,2% do total do FPM destinado ao Nordeste.

O FPM destinado para as capitais atingiu R\$ 2.349 milhões no primeiro trimestre de 2020, perda de -1,24% em termos reais, em relação ao primeiro trimestre de 2019 (R\$ 2.291 milhões). O FPM para as capitais do Nordeste alcançou 1.077 milhões, com perda real de -1,94%, comparado com 2019 (R\$ 1.058 milhões).

As capitais do Nordeste foram beneficiadas com 45,9% do total de recursos alocados pelo FPM Capitais, em 2020. Fortaleza (R\$ 202 milhões), Salvador (R\$ 182 milhões), Recife (R\$ 113 milhões), São Luís (R\$ 126 milhões) e Teresina (R\$ 126 milhões) obtiveram 69,6% do total do FPM Capitais destinado ao Nordeste. Seguiram Maceió (R\$ 101 milhões), João Pessoa (R\$ 81 milhões), Natal (R\$ 73 milhões) e Aracaju (R\$ 73 milhões), com 30,4% dos recursos desse Fundo ao Nordeste em 2019.

A arrecadação de ICMS no Brasil alcançou R\$ 129,6 bilhões no primeiro trimestre de 2020, ante R\$ 122,0 bilhões no mesmo período de 2019, significando ganho real de 2,3%.

A concentração do ICMS é refletida na distribuição do tributo em termos regionais. O Sudeste respondeu por quase metade do ICMS arrecadado no primeiro trimestre de 2020, precisamente 47,6%. A seguir, ficaram o Sul (18,5%); Nordeste (17,2%); Centro-Oeste (10,0%); e Norte (6,7%), conforme especificado na Tabela 2.

Tabela 2 – Arrecadação de ICMS no Brasil, Regiões e Estados Seleccionados - 1º Trimestre de 2019 e 2020

Estado/Região/País	2019		2020		Var. Nominal %	Var. Real %
	Valor (R\$ milhão)	Part. %	Valor (R\$ milhão)	Part. %		
Alagoas	1.064	0,9	1.149	0,9	8,0	4,0
Bahia	5.824	4,8	6.354	4,9	9,1	5,1
Ceará	3.106	2,5	3.281	2,5	5,6	1,8
Maranhão	1.780	1,5	2.084	1,6	17,1	12,8
Paraíba	1.458	1,2	1.579	1,2	8,3	4,3
Pernambuco	4.102	3,4	4.317	3,3	5,3	1,4
Piauí	1.036	0,8	1.166	0,9	12,5	8,4
Rio Grande do Norte	1.456	1,2	1.440	1,1	-1,1	-4,7
Sergipe	867	0,7	894	0,7	3,1	-0,7
Nordeste	20.692	17,0	22.267	17,2	7,6	3,6
Norte	7.542	6,2	8.613	6,7	14,2	10,0
Sudeste	60.308	49,5	61.686	47,6	2,3	-1,5
Espírito Santo	2.808	2,3	2.979	2,3	6,1	2,2
Minas Gerais	12.222	10,0	12.763	9,8	4,4	0,6
Sul	21.989	18,0	24.014	18,5	9,2	5,2
Centro-Oeste	11.422	9,4	13.013	10,0	13,9	9,7
Brasil	121.954	100,0	129.593	100,0	6,3	2,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da STN.

A título de comparação, segue a distribuição da população por Região: Sudeste (41,8%); Nordeste (27,5%); Sul (14,3%); Norte (8,7%); e Centro-Oeste (7,7%). Verifica-se, portanto que, em termos regionais, Sudeste, Sul e Centro-Oeste possuem participações na arrecadação de ICMS superiores, em comparação com suas respectivas porcentagens de população. No Norte e Nordeste, verifica-se o inverso, sendo que o maior hiato entre arrecadação de ICMS e população está no Nordeste e Estados dessa Região.

Especificamente no Nordeste, o ICMS cresceu 3,6% em termos reais no primeiro trimestre de 2020. Nas demais regiões, os ganhos em termos reais foram: Norte (+10,0%), Centro-Oeste (+9,7%), Sul (+5,2%), porém, verificou-se recuo no Sudeste (-1,5%).

Dois estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste obtiveram perdas reais de arrecadação no período em análise: Rio Grande do Norte (-4,7%) e Sergipe (-0,7%). O decréscimo da arrecadação do Rio Grande do Norte (-4,7%) deveu-se às perdas reais nos setores secundário, terciário e energia, que participaram com 74,9% na arrecadação desse Estado. Em Sergipe (-0,7%), verificaram-se quedas nos setores secundário, terciário e petróleo, que responderam por 82,8% da arrecadação do Estado.

Ganhos reais ocorreram no Maranhão (+12,8%), Piauí (+8,4%), Bahia (+5,1%), Paraíba (+4,3%), Alagoas (+4,0%), Espírito Santo (+2,2%), Ceará (+1,8%), Pernambuco (+1,4%) e Minas Gerais (+0,6%).

Em termos setoriais, é importante ressaltar que a arrecadação somada dos setores secundário, terciário, energia e petróleo, combustíveis e lubrificantes alcançou 97,0% da arrecadação total do ICMS no Nordeste, média dos primeiros trimestres de 2020 e 2019. No Espírito Santo, este percentual subiu para 98,0% e situou-se em 95,7% em Minas Gerais.

Vale registrar que a arrecadação do setor terciário apresenta a maior participação média na arrecadação do ICMS do Nordeste (41,1%), conforme especificado na Tabela 3. A arrecadação do referido setor cresceu +4,0% em termos reais em 2020, sendo que três Estados registraram perdas reais: Piauí (-4,5%), Rio Grande do Norte (-3,5%) e Sergipe (-1,9%). Os incrementos reais mais expressivos nesse setor ocorreram no Espírito Santo (+18,9%), Minas Gerais (+6,9%), Alagoas (+6,8%) e Maranhão (+6,8%), seguido por Paraíba (+6,3%), Bahia (+5,6%), Ceará (+5,1%) e Pernambuco (+4,6%).

Tabela 3 – Participação setorial na arrecadação estadual - média de 2019 e 2020 (1º trimestre)

Estados/Região	primário	secundário	terciário	petróleo	energia	divida ativa e outras fontes
Alagoas	0,06	34,69	42,04	8,84	11,73	2,63
Bahia	0,69	27,27	35,24	21,93	12,36	2,50
Ceará	0,07	20,14	38,51	24,87	13,50	2,92
Maranhão	0,42	15,03	36,98	32,49	11,42	3,66
Paraíba	0,15	14,66	45,35	22,15	13,40	4,29
Pernambuco	0,10	16,92	51,85	18,52	12,02	0,60
Piauí	6,90	14,89	31,83	32,89	13,36	0,14
Rio Grande do Norte	1,76	15,01	48,23	23,34	11,66	-
Sergipe	4,78	24,33	39,17	19,34	10,57	1,82
Espírito Santo	0,07	31,04	37,06	18,27	11,67	1,89
Minas Gerais	0,46	25,83	35,40	20,38	14,13	3,80
Nordeste	0,94	20,99	41,07	22,54	12,35	2,11

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da STN.

A arrecadação no setor secundário, que representou 21,0% do total obtido no Nordeste, considerando a média dos primeiros trimestres de 2020 e 2019, aumentou +5,9% em termos reais. Os destaques para o incremento na arrecadação desse setor foram: Maranhão (+19,5%), Piauí (+18,1%), Pernambuco (+13,6%), Alagoas (+10,2%), seguido por Ceará (+6,0%) e Bahia (+5,8%). Cinco estados tiveram perdas reais: Rio Grande do Norte (-25,7%), Paraíba (-5,5%), Espírito Santo (-2,7%), Sergipe (-1,2%) e Minas Gerais (-0,02%).

O setor de petróleo, combustíveis e lubrificantes, que obteve participação de 22,5% na arrecadação total do Nordeste no período em análise (Tabela 5), apresentou perda real de -0,7%. As maiores variações verificaram-se no Maranhão (+22,0%) e Rio Grande do Norte (+13,0%), seguido por Paraíba (+8,0%) e Piauí (+4,1%). Os demais Estados obtiveram perdas reais: Alagoas (-28,1%), Pernambuco (-13,9%), Espírito Santo (-9,1%), Ceará (-6,6%), Minas Gerais (-4,9%), Sergipe (-3,2%) e Bahia (-2,2%).

O segmento de energia, com 12,4% de participação no total arrecadado do Nordeste (Tabela 5), registrou ganho real de +9,9% no período em análise. Os destaques ocorreram no Piauí (+52,3%) e Bahia (+18,8%), seguido por Ceará (+12,1%), Alagoas (+5,6%), Sergipe (+2,9%), Maranhão (+2,6%), Paraíba (+0,7%) e Pernambuco (+0,6%). As perdas reais ocorreram no Espírito Santo (-14,4%), Minas Gerais (-6,2%) e Rio Grande do Norte (-4,4%).

A pandemia da Covid-19 não afetou os dados da arrecadação do ICMS no primeiro trimestre de 2020. Contudo, estima-se uma queda de aproximadamente 30% na arrecadação desse tributo em abril ante março. A depender da intensidade da crise sanitária, a coleta desse imposto poderá declinar entre 10% a 30% em 2020, em comparação com 2019.

10 Intermediação Financeira

O saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN) totalizou R\$ 3,6 trilhões em março, incremento de 2,9% no mês, com expansões de 6,4% na carteira de pessoas jurídicas (saldo de R\$ 1,5 trilhão) e de 0,3% na de pessoas físicas (saldo de R\$ 2,1 trilhões), vide Tabela 1.

Tabela 1 – Crédito do sistema financeiro nacional

Período		SalDOS R\$ bilhões			Concessões ^{2/} R\$ bilhões			Taxas de juros % a.a.			Spreads p.p.			Prazos das concessões meses			Inadimplência %		
		PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total
2019	Jan	1 422,8	1 814,1	3 236,9	124,0	159,8	283,8	16,2	29,9	24,4	9,5	24,0	18,2	71,7	171,7	124,2	2,5	3,3	3,0
	Fev	1 424,1	1 823,2	3 247,2	129,1	155,0	284,1	15,8	30,6	24,7	9,2	24,8	18,6	69,0	172,5	124,1	2,4	3,3	2,9
	Mar	1 436,4	1 836,3	3 272,7	141,9	155,4	297,3	15,9	31,0	25,0	9,2	25,2	18,8	73,1	171,5	125,3	2,5	3,4	3,0
	Abr	1 419,9	1 852,5	3 272,4	135,7	168,7	304,3	15,9	31,1	25,0	9,2	25,3	18,8	64,7	169,7	120,9	2,6	3,4	3,0
	Mai	1 420,3	1 870,7	3 291,0	151,5	177,8	329,3	15,7	31,0	24,9	9,1	25,2	18,8	59,0	169,2	118,1	2,6	3,4	3,0
	Jun	1 419,0	1 882,3	3 301,4	151,8	166,5	318,3	15,0	31,1	24,8	8,9	25,7	19,1	65,5	170,7	122,4	2,4	3,3	2,9
	Jul	1 396,2	1 898,8	3 295,0	143,7	184,8	328,5	15,1	30,8	24,7	9,4	25,6	19,3	55,5	169,7	117,5	2,5	3,4	3,0
	Ago	1 410,4	1 921,3	3 331,7	150,7	181,5	332,2	14,9	31,0	24,8	9,1	25,9	19,4	59,7	168,3	119,1	2,4	3,5	3,0
	Set	1 426,7	1 941,3	3 368,0	159,1	181,0	340,1	14,1	30,2	24,0	8,6	25,2	18,8	61,5	169,7	120,7	2,4	3,5	3,1
	Out	1 414,7	1 965,7	3 380,4	156,9	194,5	351,4	14,0	29,5	23,5	8,9	24,9	18,7	63,0	170,8	122,1	2,3	3,5	3,0
	Nov	1 434,2	1 987,7	3 421,8	158,8	187,8	346,7	13,7	29,8	23,6	8,7	25,3	18,9	59,9	170,2	120,5	2,3	3,5	3,0
	Dez	1 460,5	2 017,9	3 478,3	199,5	206,0	405,5	13,5	28,3	22,6	8,3	23,8	17,8	56,9	170,3	119,1	2,1	3,5	2,9
2020	Jan*	1 433,9	2 035,0	3 468,8	138,5	184,0	322,5	14,8	28,2	23,1	9,6	23,8	18,4	50,7	168,0	115,5	2,2	3,6	3,0
	Fev*	1 443,8	2 044,1	3 487,9	140,6	167,9	308,5	13,8	28,8	23,1	8,9	24,5	18,6	53,7	167,2	116,9	2,2	3,6	3,0
	Mar*	1 536,1	2 051,3	3 587,4	224,9	171,9	396,8	13,7	28,3	22,7	8,7	23,8	18,0	52,0	166,8	115,2	2,1	3,9	3,2
Variação % ^{1/}																			
No mês		6,4	0,3	2,9	60,0	2,4	28,6	-0,1	-0,5	-0,4	-0,2	-0,7	-0,6	-1,7	-0,4	-1,7	-0,1	0,3	0,2
No trimestre		5,2	1,7	3,1	-2,2	-11,0	-6,9	0,2	0,0	0,1	0,4	0,0	0,2	-4,9	-3,5	-3,9	0,0	0,4	0,3
Em 12 meses		6,9	11,7	9,6	16,4	14,5	15,4	-2,2	-2,7	-2,3	-0,5	-1,4	-0,8	-21,1	-4,7	-10,1	-0,4	0,5	0,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central.

1/ Nos dados sobre concessões, as variações são apuradas da seguinte forma:

- no mês: concessões no mês de referência/concessões no mês anterior.

- no trimestre: concessões acumuladas nos últimos três meses/concessões acumuladas nos três meses antecedentes.

- em 12 meses: concessões acumuladas nos últimos 12 meses/concessões acumuladas nos 12 meses antecedentes.

Nos dados de taxas de juros, spreads e inadimplência, as variações são medidas em pontos percentuais (p.p.).

Nos dados de prazos das concessões, as variações são medidas em meses.

2/ Nos dados de concessões não estão incluídas as modalidades cartão de crédito parcelado e rotativo.

* Dados preliminares.

No trimestre, o saldo total aumentou 3,1% e em 12 meses avançou 9,6%. A carteira de pessoa jurídica incrementou 5,2% no trimestre e 6,9% em 12 meses, enquanto que a de pessoas físicas cresceu 1,7% no trimestre e 11,7% em 12 meses.

O crédito livre expandiu 4,8% no trimestre e 18,4% em 12 meses. O crédito livre para pessoas jurídicas alcançou R\$ 979 bilhões, representando crescimento de 9,9% no mês, 8,7% no trimestre e 21,7% em 12 meses. Em março, ocorreu expansão tanto nas modalidades com influência sazonal (desconto de duplicatas e recebíveis, antecipação de faturas de cartão) quanto nas relacionadas a fluxo de caixa (capital de giro), e nas de comércio exterior (adiantamentos sobre contratos de câmbio, financiamentos a exportações). Adicionalmente, cresceram os saldos influenciados pela variação cambial (notadamente repasses externos), de acordo com o Banco Central.

O crédito livre a pessoas físicas somou R\$ 1,1 trilhão, com estabilidade no mês (+0,1%), aumento de 1,7% no trimestre e expansão de 15,7% em 12 meses, com destaque para as modalidades crédito pessoal consignado e composição de dívidas.

O crédito direcionado cresceu 0,8% no trimestre, porém, caiu 0,9% em 12 meses. O saldo das operações com pessoas jurídicas cresceu 0,8% no mês, declínio de 0,5% no trimestre, tendo contraído em 12 meses (-11,9%), com saldo de R\$ 557 bilhões em março. As operações com pessoas físicas atingiram R\$ 919 bilhões, variações de 0,6% no mês, 1,6% no trimestre e 7,2% em doze meses, com aumentos nas carteiras de rural e imobiliária.

As concessões totais de crédito somaram R\$ 397 bilhões em março. No acumulado de 2020, as concessões totais incrementaram 16,2%, totalizando 1,0 trilhão, sendo R\$ 504 bilhões na carteira de pessoas jurídicas (expansão de 16,9%) e R\$ 524 bilhões na de pessoas físicas (aumento de 6,4%).

A taxa média de juros das operações contratadas em março alcançou 22,7% a.a., com quedas de 0,4 p.p. no mês e de 2,3 p.p. em doze meses. O *spread* geral das taxas de juros das concessões situou-se em 18 p.p., com declínios de 0,6 p.p. e 0,8 p.p., nos mesmos períodos. A inadimplência alcançou 3,2% em março, sendo 2,1% na carteira de pessoas jurídicas e 2,1% na de pessoas físicas.

O saldo das operações de crédito no Nordeste (+1,16%) cresceu moderadamente no primeiro trimestre de 2020, semelhante tendência observada em Alagoas (+0,34%), Pernambuco (+0,36%), Rio Grande do Norte (+0,37%), Sergipe (+0,71%), Paraíba (+0,75%), Maranhão (+0,79%), Ceará (+0,90%), Piauí (+0,96%), e Bahia (+1,93%). Minas Gerais (+4,11%) e Espírito Santo (+5,04%) expandiram de forma mais robusta (Tabela 2).

Tabela 2 – Saldo de crédito e inadimplência na área de atuação do BNB

Estado/Região	Jan/2020		Fev/2020		Mar/2020	
	Saldo (R\$ milhões)	Inadimplência (%)	Saldo (R\$ milhões)	Inadimplência (%) Saldo (R\$ milhões)	Saldo (R\$ milhões)	% Inadimplência (%)
Alagoas	23.879	4,05	23.879	4,11	23.959	4,55
Bahia	125.722	4,07	125.722	4,09	128.149	4,53
Ceará	77.622	3,07	77.622	2,95	78.318	3,36
Maranhão	45.169	3,43	45.169	3,49	45.525	3,75
Paraíba	33.404	4,53	33.404	4,56	33.654	4,83
Pernambuco	78.316	3,5	78.316	3,99	78.599	4,29
Piauí	24.154	3,31	24.154	3,35	24.385	3,71
Rio G. do Norte	33.225	3,74	33.225	3,87	33.348	4,25
Sergipe	20.025	3,4	20.025	3,43	20.168	3,81
Nordeste	460.766	3,68	461.516	3,78	466.106	4,15
Espírito Santo	52.672	3,91	52.545	3,49	55.325	4,08
Minas Gerais	295.149	2,47	298.694	2,49	307.269	2,60

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Banco Central.

A taxa de inadimplência do Nordeste alcançou 4,15% ao final de março de 2020, em contraste com 3,64% em dezembro de 2019. Segundo o Banco Central, ao final de 2019, a inadimplência registrada nas operações destinadas às pessoas físicas foi de 4,63%, enquanto para as pessoas jurídicas foi de 3,04%.

Na área de atuação do Banco do Nordeste, Paraíba (4,83%), Alagoas (+4,55%), Bahia (+4,53%), Pernambuco (+4,29%) e Rio Grande do Norte (+4,25%) apresentaram inadimplências acima da média regional. Por outro lado, Maranhão (+3,75%), Piauí (+3,71%), Ceará (+3,36%), Sergipe (+3,81%), Espírito Santo (+4,08%) e Minas Gerais (+2,60%) registraram inadimplências abaixo da média do Nordeste.

Os impactos da crise sanitária nas operações do SFN ainda não estão claros. O governo tem adotado medidas horizontais para manter o crédito do sistema financeiro, a exemplo da liberação de recursos dos compulsórios e afrouxamento dos requerimentos de capital, e a criação de linhas de assistência a setores da economia, como o financiamento de folhas de pagamento com recursos do Tesouro.

Em consequência, segundo levantamento da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), os cinco maiores bancos do País - Itaú Unibanco, Bradesco, Santander, Banco do Brasil e Caixa - emprestaram R\$ 265,6 bilhões entre 16 de março e 17 de abril. O estoque de empréstimos e financiamentos dos maiores bancos privados alcançou R\$ 1,9 trilhão no fim de março, alta de 7,12% em relação a dezembro e de 18,44% quando comparado a igual mês do ano passado. Embora as novas concessões representem aumento em relação ao ano passado, ainda há relatos de dificuldade de acesso ao crédito por parte de empresas menores e alguns setores da economia. A crise veio num momento em que o crédito mostrava franca recuperação.

Pessoas físicas e micro, pequenas e médias empresas impulsionaram as operações de janeiro até a primeira metade de março. A última quinzena, entretanto, foi marcada pela corrida das grandes empresas aos bancos em busca de liquidez. Os bancos têm sinalizado que esperam uma forte alta da inadimplência de pessoas físicas e empresas nos próximos trimestres, diante da paralisação das atividades, que levará a um aumento do desemprego.

11 Índices de Preços

A variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do Brasil alcançou +0,07% em março. É o menor índice resultado para um mês de março desde o início do Plano Real. No primeiro trimestre de 2020, o IPCA acumulou alta de +0,53% e, nos últimos doze meses, o índice registrou incremento de +3,30%.

O grupo Educação apresentou a maior variação (+4,47%) no primeiro trimestre de 2020, seguido por Alimentação e bebidas (+1,63%), além de Saúde e cuidados pessoais (+0,62%). As principais deflações verificaram-se em Artigos de residência (-1,23%), vestuário (-1,00%) e Transportes (-0,80%).

O IPCA Nordeste alcançou +0,25%, em março de 2020. Neste mês, o índice regional foi influenciado pelo aumento nos grupos Alimentos e bebidas (variação de +1,18% e impacto de 0,26 p.p.); e Habitação (variação de +0,47% e impacto de 0,07 p.p.). Por outro lado, Transportes (-0,44% e impacto de -0,08 p.p.) apresentou queda.

Em março, a inflação do Nordeste (+0,25%) ficou acima do índice nacional (+0,07%), superando também a variação das demais regiões do País: Sudeste (+0,15%), Norte (-0,17%), Sul (-0,10%) e Centro-Oeste (-0,32%), vide Tabela 1. Em doze meses, terminados em março, a inflação do Nordeste (+3,35%) superou a variação do Sul (+2,90%), Centro-Oeste (+3,20%) e a nacional (+3,30%). Nas demais regiões, os índices foram: Norte (+3,96%) e Sudeste (+3,39%).

Tabela 1 – Variação (%) do IPCA no Brasil e Nordeste Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

IPCA - Grupo Pesquisado	2014		2015		2016		2017		2018		2019		2020	
	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste	Brasil	Nordeste
Alimentação e Bebidas	8,00	6,80	12,00	13,40	8,61	10,00	-1,87	-2,58	4,04	3,51	6,37	5,69	4,87	5,42
Habitação	8,80	10,30	18,30	12,50	2,84	6,29	6,26	7,00	4,72	3,95	3,90	3,89	3,29	3,52
Artigos de Residência	5,50	5,50	5,40	5,20	3,41	5,87	-1,48	-3,23	3,74	3,38	-0,36	-1,03	-2,37	-2,62
Vestuário	3,60	2,90	4,50	3,20	3,54	3,94	2,88	3,31	0,61	1,11	0,74	-0,24	0,77	0,18
Transportes	3,80	2,70	10,20	10,90	4,24	3,24	4,1	5,54	4,19	3,90	3,57	4,24	1,61	1,88
Saúde e Cuidados Pessoais	7,00	7,00	9,20	9,10	11,05	11,51	6,52	5,59	3,95	3,73	5,41	5,16	4,83	4,51
Despesas Pessoais	8,30	7,50	9,50	10,40	8,01	7,50	4,39	3,86	2,98	2,49	4,67	4,37	4,13	4,48
Educação	8,50	7,90	9,20	8,90	8,87	7,69	7,11	8,03	5,32	6,13	4,75	5,57	5,25	5,46
Comunicação	-1,50	-0,40	2,10	3,10	1,27	0,95	1,76	1,63	-0,09	-0,17	1,07	0,21	1,64	0,23
Geral	6,40	6,00	10,70	10,40	6,29	7,19	2,95	2,55	3,75	3,40	4,31	4,12	3,30	3,35

Nota: (1) Variação em 12 meses finalizados em março.

No primeiro trimestre de 2020, o Nordeste deteve a maior variação de preços (+0,87%), conforme especificado na Tabela 2, seguido pelo Sudeste (+0,65%) e Brasil (+0,53%). As variações nas outras regiões foram: Norte (+0,42%), Sul (+0,13%) e Centro-Oeste (-0,02%).

O índice do Nordeste foi influenciado no primeiro trimestre do ano pelas variações nos grupos Alimentação e bebidas (+2,79% e impacto de 0,59 p.p.); Educação (+4,71% e impacto de 0,33 p.p.); Habitação (+0,73% e impacto de 0,11 p.p.); e Despesas pessoais (+0,65% e impacto de 0,06 p.p.). Transportes, por sua vez, registrou queda (-0,82% e impacto de -0,15 p.p.). Seguem as oscilações de preços nas capitais do Nordeste: Aracaju (+1,47%), Fortaleza (+1,29%), Recife (+0,99%), Salvador (+0,67%) e São Luís (+0,36%).

O grupo Alimentação e bebidas, que até dezembro de 2019, representava mais que um quarto (28,2%) do orçamento das famílias do Nordeste, com a nova ponderação estabelecida em janeiro de 2020,

caiu para 21,4%, apesar de ainda ser o grupo com maior participação. No primeiro trimestre do corrente ano, a maior variação neste grupo ocorreu em Aracaju (+5,37%) e a menor em Salvador (+2,29%). Em Educação, Aracaju também obteve a maior variação de preços (+5,98%), seguida por Fortaleza (+5,56%). Recife teve a menor variação (+3,79%). A oscilação mais expressiva no grupo Habitação verificou-se em Fortaleza (+1,01%), seguida por Recife (+0,99%) e Salvador (+0,60%). Aracaju registrou deflação de -0,20%. Despesas pessoais aumentou em Fortaleza (+1,21%) e Aracaju (+1,11%). São Luís obteve a menor variação de preços nesse grupo (+0,08%).

Tabela 2 – Variação (%) do IPCA no Nordeste e capitais no primeiro trimestre de 2020

IPCA-Grupo Pesquisado	Fortaleza	Recife	Salvador	Aracaju	São Luís	Nordeste
Geral	4,39	2,99	3,27	3,52	2,72	3,35
Alimentação e Bebidas	5,74	4,65	5,08	7,67	6,73	5,42
Habitação	6,25	3,40	3,64	1,15	0,11	3,52
Artigos de Residência	-1,88	-1,48	-3,48	-2,75	-3,50	-2,62
Vestuário	1,07	2,08	-0,34	0,92	-4,05	0,18
Transportes	2,65	0,63	2,09	1,03	3,06	1,88
Saúde e Cuidados Pessoais	4,77	5,10	4,53	4,48	2,74	4,51
Despesas Pessoais	6,45	3,12	4,37	5,24	4,52	4,48
Educação	6,38	4,53	5,41	6,62	5,79	5,46
Comunicação	-0,02	0,22	0,72	2,10	-1,69	0,23

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Em Alimentação e bebidas, no primeiro trimestre de 2020, Alimentação no domicílio (+3,46%) e Fora do domicílio (+1,23%) registraram incrementos. No domicílio, a maior contribuição verificou-se em Aracaju (+6,86%), seguida por Recife (+3,66%) e Fortaleza (+3,51%). As maiores variações ocorreram nos subgrupos Tubérculos, raízes e legumes (+43,83%), Frutas (+7,06%), Hortaliças e verduras (+6,77%), Sal e condimentos (+6,30%), além de Açúcares e derivados (+5,11%). Cabe mencionar a deflação em Carnes (-4,22%). No grupo Alimentação Fora do domicílio, as principais oscilações ocorreram em Refeição (+1,45%), Cerveja (+0,80%) e Lanche (+0,76%).

No grupo Educação, Cursos regulares (+5,78%) obtiveram a maior alta, especialmente em Aracaju (+7,48%) e Fortaleza (+6,06%). Papelaria obteve deflação de -2,50%, especialmente em Fortaleza (-3,90%) e Aracaju (-2,98%). Por sua vez, Recife obteve a menor variação do grupo (+3,79%).

Em Habitação, o principal aumento ocorreu em Encargos e manutenção (+1,07%), especialmente em Fortaleza (+2,04%), seguida por Salvador (+0,87%). No âmbito desse subgrupo, Artigos de limpeza cresceram +1,68%, notadamente em Aracaju (+2,21%) e Salvador (+2,12%).

No grupo Despesas pessoais (+0,27%), dois itens detiveram as principais variações: Cinema, teatro e concertos (+2,24%) e Hospedagem (+2,11%). No primeiro, as principais inflações verificaram-se em Aracaju (+3,19%) e Recife (+3,13%). No segundo, cabe mencionar Fortaleza (+6,62%) e Aracaju (+6,52%).

O grupo Transportes (-0,82%), que obteve deflação no primeiro trimestre de 2020, possui três subitens que merecem destaque: Passagens aéreas (-26,12%), Óleo diesel (-4,07%) e Gasolina (-1,23%). Em Passagens aéreas, as maiores variações ocorreram em Recife (-30,51%), Salvador (-25,69%) e Fortaleza (-25,13%). Os maiores declínios verificaram-se em São Luís (-8,39%), Salvador (-5,58%) e Aracaju (-3,41%), enquanto São Luís obteve deflação em Gasolina (-3,23%), além de Aracaju (-1,56%) e Recife (-1,44%).

Em doze meses terminados em março de 2020, o IPCA do Nordeste variou +3,35%, com as maiores variações tendo ocorrido em Educação (+5,46%), Alimentação e bebidas (+5,42%), Saúde e cuidados pessoais (+4,51%), Despesas e cuidados pessoais (+4,48%) e Habitação (+3,52%), conforme especificado na Tabela 3. . As principais altas de preços verificaram-se em Fortaleza (+4,39%), Aracaju (+3,52%), Salvador (+3,27%), Recife (+2,99%) e São Luís (+2,72%).

12 Cesta Básica

O custo do conjunto de alimentos essenciais subiu +1,64% no Brasil em março de 2020, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Em virtude da pandemia da Covid-19, a pesquisa foi suspensa em 18/03 em todas as 17 capitais onde é realizada mensalmente. Os dados aqui publicados são relativos ao período compreendido entre 01 e 18 de março. Nesse sentido, o Nordeste obteve a maior variação no mês (+3,21%), ficando o Norte (-3,27%) com queda no custo da cesta. Seguem as oscilações nas demais regiões: Sul (+2,90%), Centro-Oeste (+1,77%) e Sudeste (+1,75%).

A cesta básica, em março, subiu em 15 das 17 capitais pesquisadas. Os aumentos mais expressivos ocorreram em Campo Grande (+6,54%), Rio de Janeiro (+5,56%), Vitória (+5,16%) e Aracaju (+5,12%). Declínios foram verificados em Belém (-3,27%) e São Paulo (-0,24%).

Em março, os maiores impactos no índice nacional vieram do aumento do preço do tomate (variação de +8,7% e impacto de +1,1 p.p.); banana (variação de +2,5% e impacto de +0,2 p.p.); e arroz, farinha e batata (variação de +5,9% e impacto de +0,2 p.p.).

No Nordeste, os maiores aumentos no custo da cesta básica em março ocorreram em Aracaju (+5,10%), seguida por Natal (+4,95%), Salvador (+3,20%), Recife (+3,10%), Fortaleza (+2,60%) e João Pessoa (+2,49%). No índice do Nordeste, os maiores aumentos ocorreram no preço do tomate (variação de +15,2% e impacto de +2,6 p.p.); banana (variação de +5,4% e impacto de +0,5 p.p.); leite (variação de +2,1% e impacto de +0,1 p.p.); feijão (variação de +2,1% e impacto de +0,1 p.p.); e pão (variação de +0,7% e impacto de +0,1 p.p.).

Incrementos expressivos de preços foram verificados no tomate (+27,0% em Aracaju); banana (+16,2% em Salvador); feijão (+5,1% em Recife); pão (+6,6% em Salvador); e leite (+5,0% em Recife). Por outro lado, observam-se reduções no preço da banana (-6,7% em Recife); feijão (-5,7% em Natal); e pão (-5,2% em Salvador).

No primeiro trimestre de 2020, a cesta básica do Nordeste registrou a maior variação (+10,98%). Com expressiva diferença, tem-se a Nacional (+4,02%), Sudeste (+2,75%), Centro-Oeste (+2,18%), Norte (+1,13%) e Sul (+0,15%). No primeiro trimestre de 2020, 16 cidades acumularam altas. Os aumentos mais expressivos verificaram-se no Nordeste: Salvador (+13,19%), Natal (+11,01%), Aracaju (+10,86%), João Pessoa (+10,84%) e Recife (+10,02%).

No primeiro trimestre do ano, os maiores impactos no índice nacional ocorreram no preço do tomate (variação de +60,3% e impacto de +6,9 p.p.); arroz, farinha e batata (variação de +22,0% e impacto de +0,6 p.p.); açúcar, óleo e café (+15,6% e impacto de +0,2 p.p.); e banana (variação de +6,6% e impacto de +0,6 p.p.). Em contrapartida, o preço da carne caiu -7,9%, com um impacto de -4,6 p.p. Na cesta do Nordeste, os maiores impactos ocorreram no tomate (variação de +96,2% e impacto de +12,3 p.p.); arroz (variação de +8,7% e impacto de +0,3 p.p.); farinha (variação de +8,7% e impacto de +0,3 p.p.); banana (variação de +15,3% e impacto de +1,4 p.p.) e feijão (variação de +4,8% e impacto de +0,3 p.p.). O preço da carne caiu -5,4% com impacto de -3,7 p.p.

Em termos de valores monetários, a cesta mais cara permanece sendo a do Sudeste (R\$ 524,20), vindo na sequência a do Sul (R\$ 484,34), a nacional (479,94) e a do Centro-Oeste (R\$ 474,75). Tem-se, então, a do Nordeste (R\$ 432,11) e a do Norte (R\$ 418,80), sendo esta última a de menor custo. Referidos valores estão detalhados na Tabela 1.

Salvador (+13,19%) e Natal (+11,01%) apresentaram variações acima da média do Nordeste (+10,98%) no acumulado dos 3 primeiros meses de 2020. As variações nas outras capitais da Região foram: Aracaju (+10,86%), João Pessoa (+10,84%), Recife (+10,02%) e Fortaleza (+9,56%). Em termos de produtos, verificaram-se variações expressivas no preço do tomate (+151,6% em Natal); banana (+34,8% em Salvador); feijão (+18,5% em Recife) e pão (+7,4% em Recife). Por sua vez, o preço da carne caiu -11,3% em Fortaleza.

Em doze meses, terminados em março de 2020, o Nordeste também detém a maior variação (+6,31%) no custo da cesta básica. Quatro capitais registraram oscilações nas respectivas cestas acima da média

regional: Recife (+7,95%), Natal (+6,77%), Fortaleza (+6,73%) e Salvador (+6,72%). As menores variações ocorreram em Aracaju (+1,20%) e João Pessoa (+3,42%). Em doze meses, os incrementos de preços mais expressivos ocorreram no preço do tomate (+27,2% em Natal); carne (+26,0% em Recife); banana (+17,6% em Salvador); e pão (+7,7% em Aracaju). Os maiores declínios de preços verificaram-se no feijão (-33,9% em Natal); leite (-7,3% em Aracaju); e banana (-6,9% em João Pessoa).

Tabela 1 – Valor (R\$) e variação (%) da cesta básica do Brasil e regiões

Período	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Brasil
2020	Jan	415,54	397,38	471,16	514,50	465,59
	Fev	432,95	418,66	466,50	515,18	472,22
	Mar	418,80	432,11	474,75	524,20	479,94
Variação da Cesta Básica (%)						
% mês	(3,27)	3,21	1,77	1,75	2,90	1,64
% Ano	1,13	10,98	2,18	2,75	0,15	4,02
% 12 meses	2,48	6,31	3,48	3,93	5,00	4,32

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do DIEESE.

Em termos de valores monetários, Fortaleza permanece com a cesta básica mais cara no Nordeste (R\$ 475,11), seguida por Recife (R\$ 433,28), Natal (R\$ 426,00), João Pessoa (R\$ 414,05), Salvador (R\$ 408,06) e Aracaju (R\$ 390,20).

Tabela 2 – Valor (R\$) e variação (%) da cesta básica do Nordeste e Estados selecionados

Capital/Região	Valor	Var. % - Mês	Var.% - 2020	Var.% - 12 Meses
Fortaleza	475,11	2,62	9,56	6,73
Recife	433,28	3,09	10,02	7,95
Natal	426,00	4,95	11,01	6,77
João Pessoa	414,05	2,49	10,84	3,42
Salvador	408,06	3,18	13,19	6,72
Aracaju	390,20	5,12	10,86	1,20
Nordeste	432,11	3,21	10,98	6,31

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do DIEESE.

Em termos de valores monetários, Fortaleza permanece com a cesta básica mais cara no Nordeste (R\$ 475,11), seguida por Recife (R\$ 433,28), Natal (R\$ 426,00), João Pessoa (R\$ 414,05), Salvador (R\$ 408,06) e Aracaju (R\$ 390,20), conforme especificado na Tabela 2.